

revista



mensal | fevereiro de 2021 | n° 8 | ano 27 | [f](https://www.facebook.com/sescsp.org.br) [ig](https://www.instagram.com/sescsp.org.br) revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida



O MUNDO A UM CLIQUE | EM CENA | MEMÓRIA EM MUTAÇÃO | ODE À CRIAÇÃO POPULAR | LADISLAU DOWBOR |
GILBERTO GIL | ECONOMIA DO CONHECIMENTO | PERIGO NA REDE | TÔNIO CAETANO | JORGE ABRAHÃO | MALU MAIA



EXPOS

Mostras abertas para visitação presencial e gratuita, mediante



Sesc 24 de Maio
Infinito V o: 90 Anos de Arquitetura Brasileira

Sesc 24 de Maio
Infinito V o: 90 Anos de Arquitetura Brasileira
Obras e projetos arquitet nicos de 96 figuras emblemáticas da arquitetura nacional.
Curadoria de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik

Sesc Avenida Paulista
Oficina Molina - Palatnik
Um diálogo entre a obra do Mestre Molina e de Abraham Palatnik, dois artistas emblemáticos que integram o Acervo Sesc de Arte.

Sesc Consola o
Países Espelhados: Objetos, Imagens, Sabores, Memórias
Encontros culturais entre Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.
Curadoria de Renato Imbroisi

Sesc São Caetano
Sala de Estar
Segundo módulo da mostra que traz um recorte de obras do Acervo Sesc de Arte.
Curadoria de Valquíria Prates



Sesc Bauru
Gold - Mina de Ouro Serra Pelada (a partir de 24/2)

 Sebasti o Salgado

Sesc Bauru
Gold - Mina de Ouro Serra Pelada (a partir de 24/2)
A mais recente mostra do premiado fotógrafo Sebastião Salgado.
Curadoria de Lélia Wanick Salgado

Sesc Santo André
Entre Bordas: Sons que Escapam
Obras de Bruno Kurru, Paulo Nenfl dio, Renan Marcondes, Sandra Cinto e Thomaz Rosa tratam da sutileza sonora da quietude.
Curadoria de Paula Braga

Sesc Santana
Conflito, Insurgências e Resistências
Terceira parte da trilogia inspirada em "Os Sertões", de Euclides da Cunha, traz obras de Denilson Baniwa, Regina Parra, Coletivo Trovoa e Mulamb .

ições

agendamento prévio online em sescsp.org.br/exposicoes



Foto: Kazuo Kajihara

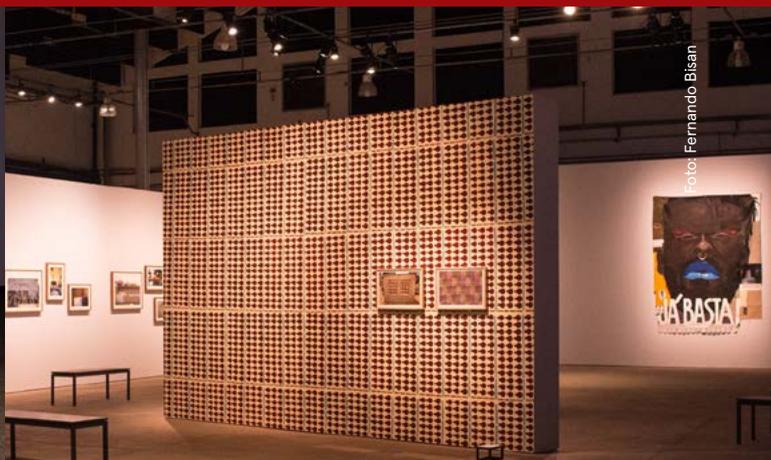


Foto: Fernando Bisán

Sesc Pinheiros
Transbordar: Transgressões do Bordado na Arte

Sesc Pinheiros
Transbordar: Transgressões do Bordado na Arte

Obras de mais de 30 artistas de diversas gerações discutem o lugar do bordado na arte.

Curadoria de Ana Paula Cavalcanti Simioni

Sesc Osasco
Distraídos Venceremos

Em painéis luminosos, a exposição/installação apresenta poemas de Paulo Leminski.

Curadoria de Alice Ruiz e arte geral de Miguel Paladino

Sesc Rio Preto
PretAtitude: Insurgências, Emergências e Afirmações

Um pequeno mas denso panorama da diversidade da arte afro-brasileira contemporânea.

Curadoria de Claudinei Roberto da Silva

Sesc Guarulhos
My name is IVALD GRANATO Eu sou

A mostra reúne obras de Granato que mapeiam os 50 anos de sua produção dedicada às artes.

Curadoria de Daniel Rangel

Sesc Campinas | Itinerância da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil

Sesc Campinas
Itinerância da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil

Recorte significativo bienal realizada em 2019 sob o título Comunidades Imaginadas.

Curadoria de Solange Farkas

Sesc Santo Amaro
Trabalhadores Ilustrados

A mostra reúne ilustrações do século 20 em que as personagens têm suas trajetórias relacionadas ao trabalho.

Curadoria de Chico Homem de Melo

Sesc Piracicaba
15ª Bienal Naïfs do Brasil: Ideias para adiar o fim da arte

Obras de 129 artistas de 21 estados do país, além do Distrito Federal.

Curadoria de Ana Avelar e Renata Felinto



As Viagens de Gulliver, arte de André Ducci

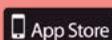
IMAGEM DA CAPA

Na era digital, a possibilidade de compartilhamentos de conteúdos não tem fronteiras. Imagine ter acesso livre a obras da literatura clássica africana, asiática e europeia traduzidas para o português? Pois a capa desta edição é um encontro entre a literatura clássica e o ambiente virtual. O projeto *Literatura Livre*, realizado pelo Sesc São Paulo em parceria com o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, é uma biblioteca digital de 14 e-books com histórias de povos que participaram da formação cultural do Brasil. São mitos e lendas da civilização japonesa medieval, contos tão ricos e diversificados quanto o continente africano, e travessias como a do protagonista da obra mais famosa do escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745), *As Viagens de Gulliver*, a qual faz referência esta ilustração do artista André Ducci. Os volumes, que ganharam traduções e edições inéditas, estão disponíveis para download no site www.secsp.org.br/literaturalivre. Boa leitura!

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones



Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

Ações para cidadania plena

Promover o bem-estar dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, de seus familiares, bem como de toda a comunidade, está no cerne das ações do Sesc – Serviço Social do Comércio, desde sua criação, em 1946. Ao longo dessas décadas, a sociedade passou por inúmeras transformações, alterando, dessa forma, as demandas da população na busca por qualidade de vida. Se, na década de 1940 o Brasil ainda vivia os primeiros passos na consolidação da vida nas cidades, hoje temos um país essencialmente urbano, nos quais os setores de comércio e de serviços se ampliaram significativamente, gerando empregos e renda e trazendo uma nova dinâmica para a sociedade.

Compreender esses ciclos é o primeiro passo em uma complexa ação da entidade que está em sintonia com seu tempo. Presente em todo o estado por meio de suas unidades operacionais, o Sesc oferece ampla programação nos campos da cultura, dos esportes, do lazer, do turismo, da saúde e alimentação, fazendo-se presente com atividades diversificadas, promovendo, assim, o encontro de ideias, a ampliação de repertórios múltiplos e o contato com o novo. Atua, dessa forma, no sentido de estimular as participações cidadãs, trazendo benefícios para todos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

25 anos de internet no Brasil

Boa parte das adaptações que se fizeram necessárias no cotidiano em razão da pandemia foram possíveis pela existência da internet. O trabalho remoto, os estudos, o contato com familiares e até mesmo o acesso à cultura estão ao nosso alcance por meio das telas do computador ou do celular, alterando o modo como nos relacionamos com as atividades rotineiras. Os 25 anos da internet no Brasil são tema de reportagem desta edição da **Revista E**.

Nem todas as experiências na internet são positivas, porém. Pesquisas apontam para os perigos da violência sofrida por crianças e adolescentes nas redes, no que se conhece como *cyberbullying*, assunto abordado em artigos na seção *Em Pauta*. Em *Entrevista*, o professor Ladislau Dowbor reflete sobre como a era digital afeta a economia, alterando relações de trabalho e de geração de riquezas, tema de seu recente livro publicado pelas Edições Sesc São Paulo. Em *Depoimento*, o músico Gilberto Gil relata como as novas tecnologias podem nos ajudar a superar as adversidades, acentuadas em tempos de pandemia. Na seção *Encontros*, o engenheiro Jorge Abrahão fala dos desafios da vida urbana na busca por cidades mais sustentáveis. E, em *Inéditos*, conto do escritor Tônio Caetano. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo



Acervo Pessal

Em **ENTREVISTA**, o economista e professor da PUC-SP LADISLAU DOWBOR ressalta a importância do compartilhamento de conhecimento para outro panorama social **10**



Phatbay

Os 25 anos da internet colocam em perspectiva **O MUNDO A UM CLIQUE**, gerada por mudanças no trabalho, no aprendizado, na produção e fruição cultural **18**



Projeto Sempre um Palco | Reprodução

No **PERFIL**, uma maiores referências em pesquisa e atuação no campo das manifestações populares na arte brasileira, LÉLIA COELHO FROTA **28**



A Gazeta Infantil | 30 de novembro de 1933

Na **GRÁFICA**, primeiro monumento municipal de São Paulo preserva narrativas da cidade e uma **MEMÓRIA EM MUTAÇÃO** **34**



Melheus José Maria

Método e exercícios para a formação do ator guardam e reverberam **EM CENA** o legado do diretor e professor Antunes Filho **50**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA PERIGO NA REDE	56
ENCONTROS JORGE ABRAHÃO	62
DEPOIMENTO GILBERTO GIL	66
INÉDITOS TÔNIO CAETANO	68
ALMANAQUE PAULISTANO	72
P.S. MALU MAIA	74



Damas do Samba (2013) | Divulgação

CARNAVAL NA TELA

PROGRAMAÇÃO ESPECIAL DO SESCTV CONVIDA FOLIÕES E FOLIÃS A CELEBRAR A FESTA EM CASA, COM UM PÉ NO SAMBA

Nas ladeiras, ruas, sambódromos e praças, a festa mais popular do país contagia homens e mulheres de todas as gerações e regiões. No entanto, o Carnaval de 2021 será bem diferente devido aos cuidados necessários com a pandemia. Mesmo assim, quem disse que a folia não pode reinar até quarta-feira de cinzas na sua casa? Hora de preparar uma playlist com frevo, samba, marchinhas e outros gêneros musicais, arrastar os móveis da sala e brincar.

Pensando nisso, a programação do SescTV exibirá documentários sobre músicos, cantores, passistas e tantos outros personagens do Carnaval. Em *Damas do Samba* (2015), série de quatro episódios que estreia dia 13/2, a diretora Suzanna Lira ressalta o protagonismo feminino. Para isso, entrevista mulheres de diferentes gerações e que transbordam amor e dedicação ao samba e às escolas de samba cariocas. Entre

ALÉM DE UM
CONTEÚDO
DIVERSO
E FOCADO EM
ARTES E EDUCAÇÃO,
SELECIONAMOS
DOCUMENTÁRIOS
QUE MOSTRAM A
RIQUEZA CULTURAL
DA MÚSICA
BRASILEIRA E SEUS
CRIADORES

SILVIA GARCIA,
animadora
sociocultural e técnica
de programação
do SescTV

relatos, músicas e imagens de arquivo, a alegria e a esperança se entrelaçam num registro emocionante de Dona Ivone Lara cantando *Sonho Meu*.

“Sendo o Carnaval uma das manifestações culturais mais populares do país, e, considerando a pandemia – em que as aglomerações não devem acontecer, de acordo com as orientações oficiais –, o SescTV leva para casa uma programação especial. Além de um conteúdo diverso e focado em artes e educação, selecionamos documentários que mostram a riqueza cultural da música brasileira e seus criadores”, explica Silvia Garcia, animadora sociocultural e técnica de programação do SescTV.

Disponível gratuitamente – e sem necessidade de cadastro – na internet e em operadoras de TV por assinatura, em várias regiões do país, o SescTV pode ser assistido por meio de diversos suportes de mídia, incluindo a plataforma *streaming on demand*.

Confira: www.sesctv.org.br.

TRÍADE DAS ARTES

Protagonistas na história da música e do teatro brasileiro têm a trajetória registrada em obras recém-lançadas pelas Edições Sesc São Paulo. Em *Ruth Escobar: Metade é Verdade*, o jornalista Álvaro Machado costura textos e imagens para falar da herança deixada por essa atriz e produtora luso-brasileira no campo das artes cênicas. Já no livro *Sérgio Mamberti – Senhor do Meu Tempo*, o próprio ator e diretor celebra 80 anos de vida revisitando uma jornada dedicada aos palcos e às telas numa escrita em parceria com o jornalista Dirceu Alves Jr. No cenário musical, é a vez de *Tom Zé – O Último Tropicalista*, de Pietro Scaramuzzo, compartilhar com os leitores a saga criativa desse irreverente artista de Irará (BA) lançado ao mundo. Conheça estas e outras publicações no site: www.sescsp.org.br/edicoessesc.



Capas: Divulgação



Casa do Hip Hop / Foto: Lucas Cersosimo

MAPEAR PARA APROXIMAR

Quais iniciativas sociais, culturais e ambientais estão sendo realizadas na cidade de Piracicaba? Ao fazer esse mapeamento, o projeto Engrenagem, realizado pelo Sesc Piracicaba, busca dar visibilidade a essas causas e promover pontes de aproximação com a população. Podem participar do Mapa Socioambiental e Cultural de Piracicaba: coletivos, movimentos independentes, grupos de pesquisa universitária, associações, cooperativas, ONGs, institutos, entre outros. Para isso, representantes deverão preencher o formulário *online* do projeto (bit.ly/EngrenagemSescPira) até dia 15/2. Informações pelo e-mail: engrenagem.piracicaba@sescsp.org.br.

PENSAMENTO EM PAUTA

Neste mês, o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc dá continuidade ao curso *Introdução ao Pensamento Crítico Hoje*, promovido em parceria com a editora Boitempo, e com a participação de importantes pesquisadores brasileiros da atualidade. O curso propõe apresentar um panorama de algumas das mais vibrantes obras de pensamento crítico da contemporaneidade. Ao longo de 12 encontros, serão apresentados o pensamento e as principais obras de premiados estudiosos que pensam a sociedade. Entre eles, **Angela Davis**, Domenico Losurdo, Judith Butler e Michael Löwy. Realizado no ambiente digital, o curso se encerra dia 2 de março. Saiba mais: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/>



Rogério Vieira

Companhia do Miolo, espetáculo *Casa de Tolerância* | Foto: Arô Ribeiro

CENA PREMIADA

Série do SescTV sobre a nova geração do teatro de grupo brasileiro recebe o prêmio especial na categoria Teatro do Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de 2020, divulgado em janeiro. Dirigida por Toni Venturi, com curadoria de Silvana Garcia, *Cena Inquieta* reúne 26 documentários com a participação de 48 companhias de teatro e mais dez artistas solo de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Neste mês, novos episódios serão exibidos no canal SescTV, disponível em tevês por assinatura (consulte sua operadora) e no site sesc.tv.br/noar, todas as quintas, às 23h, sábados, às 2h, domingos, à meia-noite, segundas às 2h e terças, às 23h. Saiba mais: www.sesc.tv.br. Acesse também pelo app do SescSP.

LEITURA EM DIA

Espaços de leitura, convivência, trocas de experiências culturais e educativas, as Bibliotecas do Sesc São Paulo ainda não podem ser ocupadas pelo público, mas o empréstimo e devolução de livros podem ser feitos mediante retirada de ingresso *online*. Para isso, as equipes das bibliotecas realizaram curadorias do acervo, selecionando livros clássicos, obras voltadas para crianças e jovens, entre outras. Já o projeto BiblioSesc, que leva bibliotecas circulantes para as regiões de Osasco, São Caetano, Santana, Campo Limpo, Interlagos e Itaquera, conta com atendimento realizado dentro das unidades. Saiba mais no portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br/bibliotecas.

AGENDE SEU APETITE

Neste momento, a capacidade de atendimento nas Comedorias do Sesc São Paulo está reduzida em função das legislações sanitárias, dos protocolos internos e procedimentos estabelecidos pelo Plano São Paulo. Quem tem a Credencial Plena do Sesc pode agendar a próxima refeição pela internet na Central de Relacionamento Digital ou pelo aplicativo Credencial Sesc SP (disponível no Google Play e Apple Store). Durante o almoço os restaurantes estão oferecendo o serviço de “Prato Porcionado”, ou seja, a equipe de alimentação serve os pratos, seguindo um cardápio adequado e equilibrado do ponto de vista nutricional. O cardápio pode ser consultado na própria ferramenta de agendamento. Algumas cafeterias também retomaram o atendimento, com cardápio simplificado, para os frequentadores dos serviços agendados nas unidades. Saiba mais no portal do Sesc São Paulo: www.sescsp.org.br/restaurantesretomada

MESA BRASIL

2021 (janeiro)

• **407 MIL** KG DE ALIMENTOS FORAM DISTRIBUÍDOS

2020

- **7.200** TONELADAS DE ALIMENTOS FORAM DISTRIBUÍDOS
- **470** TONELADAS DE PRODUTOS DE HIGIENE PESSOAL E LIMPEZA
- **1.200** DOADORES PARTICIPARAM
- **1.100** INSTITUIÇÕES RECEBERAM
- **85.000** PESSOAS FORAM ATENDIDAS (dentro das instituições)
- **116.000** FAMÍLIAS FORAM ATENDIDAS



Ricardo Ferreira



Carozinha Teixeira

Neste mês, a escritora Elizandra Souza é a convidada do experimento literário *Folhetim*, realizado pelo Sesc Pompeia. Nas próximas semanas, será publicada uma narrativa exclusiva da autora, em seis episódios, acompanhados por ilustrações criadas para cada texto. Outros escritores já participaram dessa ação – Conceição Evaristo, Luiz Ruffato, Aline Bei e Ricardo Terto. Confira: <https://folhetimsescpompeia.medium.com/>

Economia do CONHECIMENTO

OS IMPACTOS SOCIAIS GERADOS PELO ATUAL MODELO ECONÔMICO
E A NECESSIDADE DE UMA PRODUÇÃO COLABORATIVA SÃO TEMAS
INVESTIGADOS POR ESPECIALISTA EM NOVO LIVRO

Professor titular de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o economista Ladislau Dowbor se debruça sobre a transformação estrutural do mundo provocada antes mesmo da pandemia. Autor e coautor de aproximadamente 40 livros (produção intelectual disponível na [internet](#)), já trabalhou como consultor de diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios, além de várias organizações. Em seu novo livro, *O Capitalismo Se Desloca: Novas Arquiteturas Sociais* (Edições Sesc São Paulo, 2020), Dowbor trata, como ele mesmo descreve no prefácio, “de um conjunto de mudanças do capitalismo que possam caracterizar a evolução para um outro modo de produção, que poderíamos caracterizar como informacional, constituindo uma nova era, a do conhecimento, diferente da era industrial”. Partindo de uma análise temporal sobre as transformações sociais provocadas, primeiro, pela agricultura, depois pela indústria e, mais recentemente, pela tecnologia, o economista analisa o impacto gerado pela revolução digital. Que estruturas políticas e relações sociais serão desenhadas pela era do conhecimento, das tecnologias de comunicação, do “dinheiro imaterial”? Nesta Entrevista, Ladislau Dowbor fala sobre a importância de processos colaborativos e entraves ao compartilhamento de conhecimento.



O conceito de nação pode deixar de existir tendo em vista que a informação e o dinheiro atingiram alcance e impacto global?

Diria que há uma tensão nesse cenário. As identidades culturais persistem, são fortes e imensamente importantes. Agora, a economia passou para o nível global, em particular tudo o que é economia de conhecimento e economia financeira, porque hoje conhecimento e finanças giram nessa roda. As pessoas não se dão conta da revolução que acontece quando eu, por exemplo, quero contatar alguém, no Japão, que está fazendo uma pesquisa que tem conexão com a minha. Consigo fazer isso num instante por meio de um pequeno aparelho. Então, você tem a globalização de um conjunto de atividades, a cultura, que permanece multinacional, e o sistema político que está completamente perdido porque os recursos financeiros são, em grande parte, globalizados. Há um endividamento generalizado dos países, dado o poder de grandes corporações — não mais General Motors, General Electric, por exemplo — como Google, Amazon, Facebook, Microsoft e Apple. Ou seja, de um lado, sistemas que controlam a informação e o conhecimento servem de base para nossa própria comunicação. Do outro lado, como o dinheiro hoje é imaterial, também é uma unidade de informação, que navega nas ondas eletromagnéticas, gerando o *High Frequency Trading* em escala mundial, dando aos grandes bancos e investidores institucionais poder financeiro sobre os governos, as empresas produtivas, as finanças das famílias. Gradualmente o poder financeiro está se tornando poder político. O Twitter desconectou o presidente dos Estados Unidos por julgar as suas mensagens inconvenientes. Fez muito bem, na minha opinião, mas as pessoas se dão conta da dimensão política?

Qual é o impacto dessa diluição?

Gera-se a perda da capacidade de controle. Que poder tem um governo que não controla o acesso aos recursos financeiros? Reduz-se a capacidade que a gente chama de governança. Daí os governos tentam apelar para o “fígado” das pessoas: “É a pátria”, “É a igreja”, “É a família”, tentando se enraizar nas emoções das pessoas, em vez de elaborar projetos. No entanto, o governo não existe para dizer em que a gente deve ou não acreditar, como a gente deve fazer amor e coisas do gênero. O que o governo deve fazer é financiar infraestrutura, políticas sociais, avanços científicos. E o que ele está fazendo? Ele está apelando porque ele não tem os

ESTAMOS EVOLUINDO PARA UM
OUTRO PATAMAR DE ORGANIZAÇÃO
ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL

meios correspondentes aos desafios de um estado nacional. Tornam-se governos demagógicos e inoperantes. Não é só no Brasil ou nos Estados Unidos.

Hoje a legislação fica a reboque da tecnologia, ou seja, quando se pensa em legislação a tecnologia já superou aquele momento?

Um conjunto de atividades que a gente chama de políticas sociais — educação, saúde, segurança etc. — se tornou o eixo de atividade principal no planeta. Agora, essas atividades funcionam bem num nível local por serem algo capilar: você tem que chegar a cada criança, a cada família. Então, é preciso uma dinâmica da política local, uma reapropriação das políticas pela base. É só olhar como funciona na China, na Suécia, na Alemanha, no Canadá, em que os sistemas se descentralizaram e a estabilidade da política se dá pela força das estruturas locais. Em particular porque as populações se urbanizaram. Não somos mais populações dispersas de um lado e uma capital que manda em tudo do outro lado. Hoje somos urbanizados, somos redes interurbanas e é nas redes de cooperação entre cidades que a conectividade, justamente, permite isso e se dinamiza. Então, temos um eixo que vai para o local e um eixo que vai para o global. E, no meio disso, o governo nacional, que era o poder, que era a política, que era a solução e a legislação, tudo isso se dilui em grande parte. No caso da legislação, basta ver, por exemplo, que no Brasil, com a Constituição de 1988, descentralizou-se uma série de atividades para o nível local, mas o repasse do dinheiro não se faz, ele continua centralizado. Portanto, a ausência de um novo pacto federativo que permita essa democratização da própria economia trava o processo. Temos leis que são do passado para uma realidade que está se transformando com muita rapidez.

Neste novo livro, você fala sobre a economia do conhecimento e traça uma linha do tempo que passa pela economia agrária e pela economia industrial até chegar à economia digital. Poderia descrever esses marcos temporais?

Estudei na Polônia os trabalhos do Witold Kula, ele fez para a economia agrária e para o feudalismo o que Karl Marx fez para o capitalismo. Então, eu tenho muito presente essa visão de que nós tínhamos um sistema: o fato de a economia pertencer às atividades agrárias, e o fator principal de produção ser a terra, gerou o feudalismo, a escravidão e um conjunto de formas de organização da sociedade. A Revolução Industrial traz um conjunto de outras formas: gera as fábricas, a urbanização, o proletariado, a divisão entre o capitalista e o trabalhador, o assalariado, gera uma outra sociedade, inclusive, toda a superestrutura – as leis de propriedade de bens de produção etc. Tem gente que notou que essas coisas mudaram e chamaram o que acontece hoje de indústria 4.0. Eu acho isso uma incompreensão do processo. Não estamos num grau maior da sociedade industrial. Tal como houve uma revolução industrial, temos hoje uma revolução digital e ela se baseia no conhecimento, e o conhecimento é radicalmente diferente da máquina porque é preciso construir, comprar a máquina – “ela é minha”, diz o capitalista. Agora se eu passo o conhecimento para alguém, eu continuo com esse conhecimento, ele pode ser repassado. Na China, as universidades e os centros de pesquisa trabalham com o que eles chamam de *China Open Resources for Education (Core)*. Todo conhecimento produzido é repassado para todas as instituições gratuitamente. Então, todo mundo trabalha na ponta, ninguém está reinventando a roda. Os processos colaborativos nessa revolução digital são muito mais produtivos do que sentar em cima de uma patente. Basta ver o drama da indústria farmacêutica e a que ponto ela está dificultando e encarecendo o sistema de saúde no mundo.

Ou seja, a ideia da economia do conhecimento, de forma ampla, pediria uma espécie de compartilhamento?

O que Marx trouxe de mais rico é essa compreensão de que as técnicas transformam as relações de produção. Você tem o feudo e o servo numa era, você tem o capitalista e o operário em outra era, e você tem outros sistemas que estão se formando. Acontece o seguinte: quando eu pego o meu celular, nele 95% do valor é de conhecimento incorporado, não é trabalho físico ou matéria-prima. E esse conhecimento imaterial pode ser generalizado para todo o planeta sem custos adicionais. Consequentemente, isso gera a necessidade de outras regras sociais. Se produzo uma bicicleta, ela é minha até que eu consiga vender e ter o dinheiro de volta para que eu consiga comprar mais matéria-prima para fazer outra bicicleta. O conhecimento não: você produziu, cobriu os custos de produção e pode generalizar o acesso sem custos adicionais. Então, a colaboração como regra geral de organização se torna muito superior à competição e apropriação privada. Voltando ao exemplo da indústria farmacêutica, trava-se a patente por 20 anos de um determinado princípio ativo e isso simplesmente paralisa as pesquisas. Nós temos leis de antigamente, da apropriação privada, quando a produtividade na sociedade do conhecimento exige livre fluxo, o chamado *Creative Commons*, *Open Access*, como o MIT (Massachusetts Institute of Technology), que criou o *Open Course Ware*, e por aí vai.

Poderia dar mais exemplos?

Se eu pego como exemplo a indústria de robótica, hoje essas empresas são particulares, mas elas comunicam entre si seus avanços para ninguém ficar repetindo o que uma outra empresa já fez. Assim, todos se tornam mais produtivos, e os que compram os robôs passam a ter robôs mais produtivos. É simplesmente mais racional. Não é dizer: “é bonitinho que a gente seja colaborativo”, mas sim que ser colaborativo resulta em produtividade. Por exemplo, o Prosper é um banco em que as pessoas comuns, como eu e você, emprestam dinheiro umas para as outras numa plataforma que assegura garantia, com o *blockchain*. Isso funciona nos Estados Unidos e em grande escala. O criador do Prosper disse que a atividade bancária é essencial, mas o banco não. Ou seja, não precisamos dessas gigantescas pirâmides, estruturas planetária de intermediários. Nós podemos gerar simplesmente o acesso de uns aos outros de maneira gratuita, com certa subvenção pública pelo

custo de gestão tecnológica. Mas não precisamos gerar lucros fenomenais para os bancos, nem precisa haver o endividamento das populações e das nações como está se generalizando hoje no planeta.

E quais seriam as características dessa sociedade do conhecimento?

A melhor forma de compreender é falar do contraste. Quando eu falo da era industrial, o capitalista pega um empréstimo no banco, vai construir ou comprar máquinas e produzir sapatos, por exemplo. Isso é útil, o sapato vai ser usado, está se gerando emprego, o que é útil também. Ele vai pagar imposto sobre essa produção e com esses impostos o governo pode financiar as infraestruturas que melhoram a produtividade das empresas e políticas sociais que melhoram a qualidade de vida das famílias. Isso é um capitalismo que chamamos de era do Estado de Bem-Estar e funcionava. Hoje, 61 milhões de adultos no Brasil estão travados, o Serasa chama de negativados, as pessoas chamam de “nome sujo”, mas basicamente essa gente em grande parte não tem emprego. Para explorar as pessoas por meio de salário baixo, pelo menos precisa lhe assegurar um emprego. O endividamento permite atingir a todos. Nós somos um país de 212 milhões de habitantes com apenas 33 milhões de empregos formais privados. Então, essa massa de gente desempregada ou que se vira para sobreviver no setor informal é explorada brutalmente por meio da dívida que eles fazem em compra no crediário porque eles não têm como pagar à vista. No Brasil, pagam juros muito altos. Isso que a gente chamou de financeirização. Então, você tem, ao mesmo tempo, um imenso controle sobre as pessoas, algo que é permitido por redes sociais etc., até mesmo invasão de privacidade, e você tem uma apropriação das pessoas pela dívida. A forma de acumulação do capital mudou, porque na era industrial, a pessoa tinha que investir na fábrica, produzir uma coisa útil para vender e pagar impostos. Esse sistema atual controla, de um lado, as pessoas, empurra todos esses produtos financeiros e, no final, as pessoas ficam endividadas. Em 2020, o jornal *The Guardian* divulgou dados dizendo que os estudantes nos Estados Unidos estão devendo 1,4 trilhão de dólares. Eles estão desesperados, enforcados em dívidas. Ou seja, os estudantes terminam a faculdade e têm uma dívida de mais de 100 mil dólares e vão passar décadas pagando os juros sobre esse empréstimo.

Empresas como Facebook e Google também colocam seus usuários para produzir conteúdo e gerar dados essenciais para eles. Ou seja, ainda estamos trabalhando gratuitamente para eles?

Se você observar os imensos lucros dessas empresas e de outras do segmento, elas ganham com publicidade. Essa publicidade é paga por empresas e essas empresas, naturalmente, para elas, a publicidade que elas pagam para Google e outras empresas representa um custo. O que essas empresas fazem? Elas incorporam esse custo da publicidade que pagam para o Google, por exemplo, no preço dos produtos que nós pagamos. Então, nós pagamos fortunas para ter o dinheiro transferido para o Google e para o Google nos convencer de que precisamos do produto que eles nos empurram a cada vez que interrompem o programa a que assistimos. Isso interessa muito para os grandes grupos. Por exemplo, a Apple, em 2018, pagou 0,05% de impostos sobre seus lucros. O fato é que o sistema se transformou num processo de drenagem que a gente não sente. Porque antigamente se tiravam 100 reais do seu

bolso, você agarrava sua carteira, agora simplesmente aparece um sinalzinho do celular de alguma transação bancária, no seu bolso, e você nem percebe. Então, a forma de drenar nossos recursos se deslocou radicalmente pela financeirização, movimento no qual o capital fictício se valoriza de forma relativamente independente da valorização dos ativos produtivos, alterando a dinâmica do sistema capitalista. Antigamente os americanos diziam

OS PROCESSOS
COLABORATIVOS
NESSA
REVOLUÇÃO
DIGITAL SÃO MUITO
MAIS PRODUTIVOS
DO QUE SENTAR
EM CIMA DE
UMA PATENTE



“o que é bom para a General Motors é bom para os Estados Unidos”. A base eram as fábricas e os operários. Hoje temos as plataformas e usuários, moedas digitais e pessoas endividadas. O sistema está mudando.

Quais os entraves para a economia compartilhada ocorrer em grande escala?

Hoje o nosso sistema coloca pedágios em todas as atividades ligadas ao conhecimento, pesquisa, e coisas do gênero. Isso acontece sob forma de *royalties*, de *copyrights*, de patentes. E isso hoje é um sistema absurdo. O prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz diz que o sistema de patente está travando as pesquisas científicas tecnológicas. Se você analisar os trabalhos da economista italiana Mariana Mazzucato, vai ver que ela mostra a que ponto esses avanços tecnológicos, por exemplo, essa tela do celular em que posso mexer em tudo apenas com a ponta dos dedos, são resultado de pesquisas financiadas por universidades públicas, e toda a parte eletrônica do celular também. Por

isso, o sistema de patentes que duram 20 anos ou o sistema de *copyrights* nesses casos não fazem o mínimo sentido. Outro exemplo é o da tecnologia de anticorpos sintéticos, algo extremamente importante para o futuro. Uma empresa comprou essa ideia, patenteou e senta em cima vendendo e cobrando acesso em vez de permitir que isso seja pesquisado de maneira colaborativa planeta afora. Ou seja, está se travando o progresso por meio do que chamei de economia de pedágio. Essencialmente são pessoas que não produzem, apenas se colocam como intermediários. E o conceito de colaboração envolve uma mudança profunda de rumos. Sobre isso temos Lawrence Lessing [*um dos fundadores do Creative Commons*], publicações como *Wikinomics* (de Don Tapscott e David Ticoll, Nova Fronteira, 2007), que traz dezenas de exemplos de como processos colaborativos interempresariais tornam todo mundo muito mais produtivo. Mas, quando pensamos em economia, ainda estamos com a cabeça na indústria automobilística, no conceito de competição etc. Só que hoje estamos evoluindo para um outro patamar de organização econômica, política e social.

No livro, você também toca numa questão importante: a mudança de paradigmas de produção e ainda faz uma relação que vai derivar na economia do conhecimento.

De maneira geral, esse processo traz vantagens para a sociedade, já que para isso necessitamos cada vez mais do conhecimento dos indivíduos?

A evolução é positiva. O progresso tecnológico significa que conseguimos fazer muito mais com menos esforço. Isso gerou um avanço propriamente produtivo no capitalismo que permitiu um enriquecimento global. Tem um número básico e é importante lembrar: se você pega o PIB mundial, 85 trilhões de dólares, e divide pela população mundial, 7,8 bilhões de habitantes, isso dá 18 mil reais por mês para uma família de quatro pessoas. Ou seja, o que a gente produz hoje nos permite assegurar bem-estar a todos. Estou falando do planeta. Agora, no caso do Brasil, são 7,3 trilhões de reais de PIB divididos pela população de 212 milhões de habitantes. Isso dá 11 mil reais por mês para uma família de quatro pessoas. Ou seja, basta reduzir um pouco a desigualdade que dá para todo mundo viver de maneira digna e confortável. Então, é imensamente positiva a transformação tecnológica porque temos mais ferramentas, inclusive, para generalizar conhecimento, para distribuir esse fator de produção para todo mundo. A criança que vive na periferia tem a mesma inteligência de uma no Morumbi, não nos iludamos com isso. Só que não damos oportunidade a ela. Podemos generalizar uma maior criatividade por todo o planeta. Isso gera imensas oportunidades, mas o que trava essas oportunidades é essa ideia de que para se fazer dinheiro com um bem que pode ser multiplicado indefinidamente sem custos adicionais, você tem que tentar travar o acesso a ele. Então, um capitalismo que empurrava a produção para ganhar mais dinheiro hoje é um capitalismo que trava a generalização do acesso ao conhecimento para poder cobrar por ele. Ou seja, é um gerador de escassez e nesse sentido ele perde sua legitimidade produtiva. Fiquei muito impressionado ao ler no ano passado, no *Financial Times*, o jornalista de economia Martin Wolf dizer que esse sistema perdeu sua legitimidade. É um sistema que vive de atravessadores e de pedágios travando o acesso ao conhecimento em vez de serem aqueles “capitães da indústria”, que empurravam a produção para a frente.

TEMOS LEIS QUE SÃO DO PASSADO PARA UMA REALIDADE QUE ESTÁ SE TRANSFORMANDO COM MUITA RAPIDEZ

Um fato gritante nessa pandemia foi o lucro sobre os investimentos das pessoas mais ricas do mundo, como tiveram sua fortuna duplicada.

Voltando ao comentário de Martin Wolf, o principal é que essa gente está ganhando fortunas não por contribuírem, mas ganhando na proporção em que geram paralisação. Quando você extrai mais recursos do que o aumento da produção, você está travando. A produção de bens e serviços no mundo aumenta entre 2% e 2,5% ao ano, enquanto o rendimento dos bancos, das ações e de quem trabalha na área financeira aumenta entre 7% e 9%. Onde o capitalista coloca o seu dinheiro? Onde rende mais e com menos esforço. São aplicações financeiras. O sistema se deslocou da lógica produtiva para o que chamam de um capitalismo extrativo. Qual o impacto disso no Brasil? Em 2020, dados da agência Forbes apontaram que 42 brasileiros bilionários em dólares aumentaram sua fortuna em 180 bilhões de reais em quatro meses, entre 18 de março e 12 de julho, com a economia não só parada, mas em recessão. Eles aumentaram suas fortunas e não pagam impostos, porque desde 1995, lucros e dividendos são isentos de impostos. Isso é uma aberração gritante.

No livro, você também comenta que as invenções tecnológicas na economia acabam moldando a sociedade. Quando houve a invenção da agricultura, o homem se fixou na terra e começou a trabalhar de sol a sol. Passado o tempo, com a revolução industrial, a criação das máquinas vai colocar o homem dentro do tempo, no horário de trabalho, uma jornada de até 16 horas. Como você vê essa questão do trabalho e do tempo com a revolução digital?

Quando o fator de produção é imaterial, as coisas mudam. A gente começou a constatar isso quando empresas nos Estados Unidos passaram a contratar

secretárias em Nova Deli, porque falam inglês e o fato de estarem na Índia, ou na sala ao lado, não muda nada, já que o atendimento é feito por telefone ou e-mail. Ou seja, você tem um desgarramento entre a contribuição para a empresa e sua presença física. Isso, agora com a pandemia, evidentemente, explode, mas já estava presente de maneira muito forte. Quando você tem uma pessoa que trabalha numa empresa, mas o essencial do aporte dela é desenhar novas máquinas, se ela faz isso em casa ou na empresa, tanto faz. E tem mais, o profissional pode pensar o seguinte, um processo desse jeito foi desenhado por uma empresa na Índia, daí ele se conecta com o designer da outra empresa, ou seja, gera-se um sistema de conectividade. Quer dizer, se você junta a conectividade planetária, instantânea e gratuita, porque as ondas eletromagnéticas são da natureza e não pertencem a alguém, ainda que as empresas cobrem pelo uso, você junta o fato de que a produção é imaterial e o que os empresários te pedem são as ideias que você tem na cabeça e a capacidade de desenvolver essas ideias. Some isso à conectividade e você pode compartilhar essa ideia com outras pessoas em qualquer parte do mundo. Assim, você gera outra lógica de construção da economia. Isso para mim é tão profundo quanto passar da era da enxada na

agricultura para usar a máquina, depois as fábricas e a energia para produzir sapatos, e hoje para você desenhar programas que vão fazer com que a máquina se organize para responder a esse processo. É todo um processo de algoritmos, de inteligência artificial etc. Quer dizer, na realidade, o que a gente precisa hoje como mão de obra é muito mais a cabeça pensante.

O que isso representa para a agricultura e a indústria, por exemplo?

É muito importante o seguinte: a agricultura não está desaparecendo nem vai desaparecer; a indústria não está desaparecendo nem vai desaparecer. Agora, o eixo condutor de todos esses processos se deslocou para o design, para o pensar, para a criatividade. Então, a lógica de organização do sistema muda. Quando houve a revolução industrial, isso mudou a agricultura, que não desapareceu, mas, por exemplo, nos Estados Unidos passou-se a produzir mais algodão para as máquinas de tecelagem na Inglaterra, e por aí vai. Agora, com o sistema atual há, por exemplo, uma mudança essencial de como se apropriar do excedente. Porque a apropriação do excedente era por meio dos salários baixos, da mais-valia. Hoje é pelo endividamento das pessoas, pelas taxas de juros, pelos dividendos abusivos em cima de aplicações financeiras, pelo endividamento dos governos, de maneira geral, e o conjunto das cobranças sobre direitos, no caso das patentes etc. Então, a apropriação do excedente se deslocou: ele não passa mais pelo aporte produtivo. ■



Confira um trecho do prefácio do livro ***O Capitalismo Se Desloca: Novas Arquiteturas Sociais***, de Ladislav Dowbor (Edições Sesc São Paulo, 2020)

Para a era da terra, delimita-se o feudo ou se coloca a cerca, o principal fator de produção é a terra, a propriedade é baseada nas relações familiares vinculadas à nobreza, as relações de produção se apoiam na escravidão ou na servidão, o controle das mentes se estabelece na religião e no correspondente poder da hierarquia eclesiástica. Na era industrial, colocam-se os muros e as portarias nas fábricas, o principal fator de produção é a máquina, a propriedade é baseada no controle dos meios de produção, as relações de produção se apoiam no assalariado e na mais-valia, o controle das mentes se estabelece no consumismo e na propaganda. Para a era do conhecimento, da revolução digital, é possível fazer um ordenamento sistêmico semelhante?

*A versão digital do livro está disponível gratuitamente no [Sesc Digital](#), plataforma do Sesc São Paulo

http://www.

Adriana Vichi

CRIAÇÃO DA INTERNET
PROVOCOU MUDANÇAS NO
TRABALHO, NO APRENDIZADO,
NA FRUIÇÃO CULTURAL E NAS
FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL

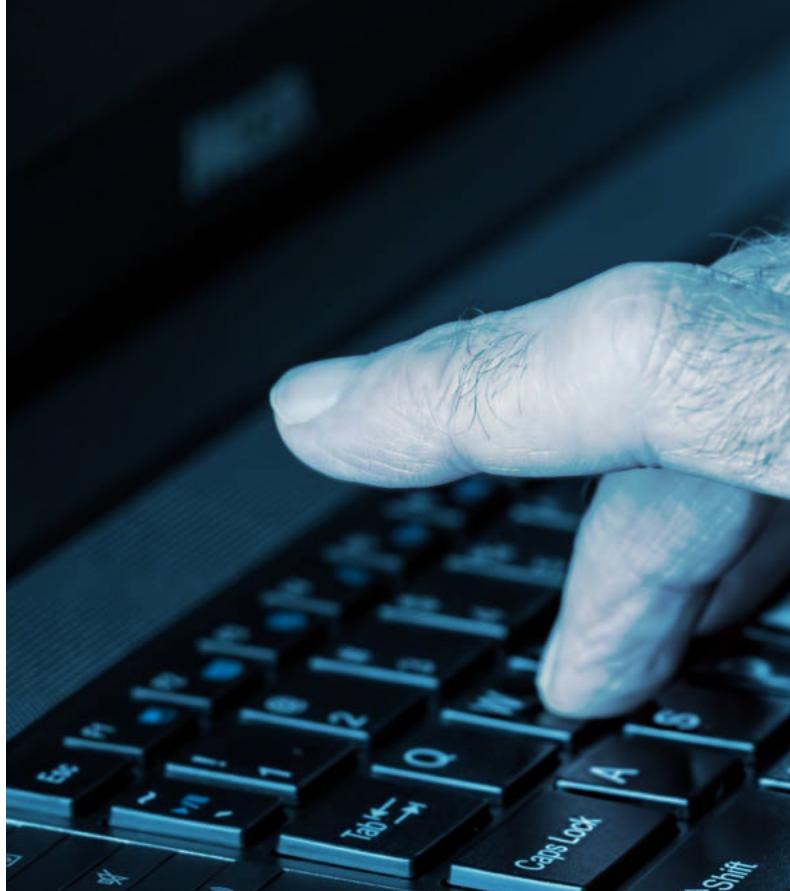
o mundo a um clique

“Criar meu web site, fazer minha *home page*, com quantos gigabytes se faz uma jangada e um barco que veleje”, questionou Gilberto Gil na canção *Pela Internet* (1996), um ano depois da chegada deste invento que mudaria nosso dia a dia. Ao popularizar em letra a descoberta, o músico baiano vislumbrou apenas uma fresta dessa criação que em 25 anos revolucionou a forma como aprendemos, trabalhamos, nos relacionamos e vivenciamos expressões culturais, como a música, o cinema e as artes cênicas. Na pandemia, então, os mares da World Wide Web, criada pelo físico britânico Tim Berners-Lee alguns anos antes do surgimento da internet, tiveram importância maximizada, dada a restrição social, que nos levou a adaptações e reflexões.

Mas nem sempre foi assim... Lembra quando a sociedade ainda era totalmente analógica? Talvez você não tenha nascido na época, ou era muito jovem, mas, antes da chegada e popularização da internet, era comum passar horas numa videolocadora para escolher e alugar um filme em VHS ou DVD. Jovens ficavam a postos para apertar o botão REC do aparelho de som e gravar numa fita K7 o hit da rádio. Aguardava-se, em suspense, o telefonema de um amigo ou o interurbano da avó. A consulta a pesadas enciclopédias na biblioteca era a ferramenta auxiliar para escrever a tarefa escolar em letra cursiva num caderno (leia boxe *Nada será como antes*).

Um dos pioneiros da internet no país, diretor presidente do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto br (NIC.br) e conselheiro do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), o engenheiro Demi Getschko recorda o primeiro momento da nova tecnologia. “Era mais difícil usar uma máquina de escrever do que, hoje, manusear um celular. Por isso, uma coisa é clara: quanto mais tecnológicas as ferramentas, menos complexo é seu uso. No começo da internet, era preciso dominar inglês. Hoje isso é furado. Tanto que todos usam celular e ninguém tem dificuldade alguma. Outra diferença do começo é que hoje estamos o tempo todo conectados”, disse em entrevista à **Revista E nº 268**, de janeiro de 2019.

Para entender a dimensão do alcance da internet, basta comparar a quantidade de internautas nestes últimos 25 anos. No final de 1995, o número de brasileiros conectados era de 120 mil, segundo dados publicados no ▶



Nada será como antes

HÁBITOS E OBJETOS QUE SE TORNARAM OBSOLETOS COM A REVOLUÇÃO DA WEB

Quem nasceu com a internet costuma achar trivial pesquisar um tema ou localizar o contato de uma pessoa por meio de um buscador. Mas até a rede chegar a milhões de lares brasileiros, enciclopédias e listas telefônicas eram itens indispensáveis nesta tarefa. Da mesma forma, um telefone residencial era imprescindível para se comunicar e realizar as primeiras conexões da internet discada. Não havia WhatsApp, Instagram, Facebook ou qualquer outro aplicativo para a comunicação entre pessoas de diferentes partes do mundo, nem serviços de *streaming* de vídeo e de música para assistir a um filme ou ouvir um disco na hora que bem desejasse. O que mais mudou de lá para cá? Conheça (ou relembre) alguns hábitos e objetos que faziam parte da rotina analógica e que se tornaram obsoletos com a revolução provocada pela internet.

Fulano tá na linha

Imagine um mundo onde ninguém sabe onde você está agora. Sem acesso à internet, o telefone era um aparelho residencial e de uso comunitário. Em casa, quem o atendia perguntava, seguido do “alô”: Quer falar com quem? Podiam ser ligações locais de amigos, namorados ou interurbanos de algum parente. Agora, se você estivesse na rua e quisesse avisar em casa que chegaria atrasado, o orelhão era a alternativa da vez. A regra era sempre ter algumas fichas telefônicas no bolso.





Pixabay



Pixabay

Conhecimento em volumes

Pesadas, de capa dura e em letras miúdas, as enciclopédias eram itens de luxo para ter em casa. Acervo de conhecimento geral, cujos assuntos eram divididos em ordem alfabética, elas continham tudo — ou o que se acreditava ser tudo — que você pudesse imaginar e precisar. E, quando um conceito ou personagem estava acompanhado por imagens, aquilo era um bônus para o leitor. Quem não tinha enciclopédias em casa costumava consultar volumes disponíveis nas bibliotecas e fazer fotocópias do assunto investigado para uma tarefa da escola ou da universidade.

Rebobine, por favor!

Alugar uma fita VHS era um hábito comum, principalmente no final de semana. Infelizmente, era concorrida a disputa pelas poucas fitas dos filmes que acabavam de sair das salas de cinema para as prateleiras. Quando se conseguia, o título era assistido até mais de uma vez. Na videolocadora, os funcionários costumavam dar dicas de novidades e do acervo aos frequentadores, que, muitas vezes, ganhavam descontos se alugassem muitos títulos de uma só vez. Ah... Só não podia esquecer de rebobinar e devolver a VHS para não levar multa.



Pixabay



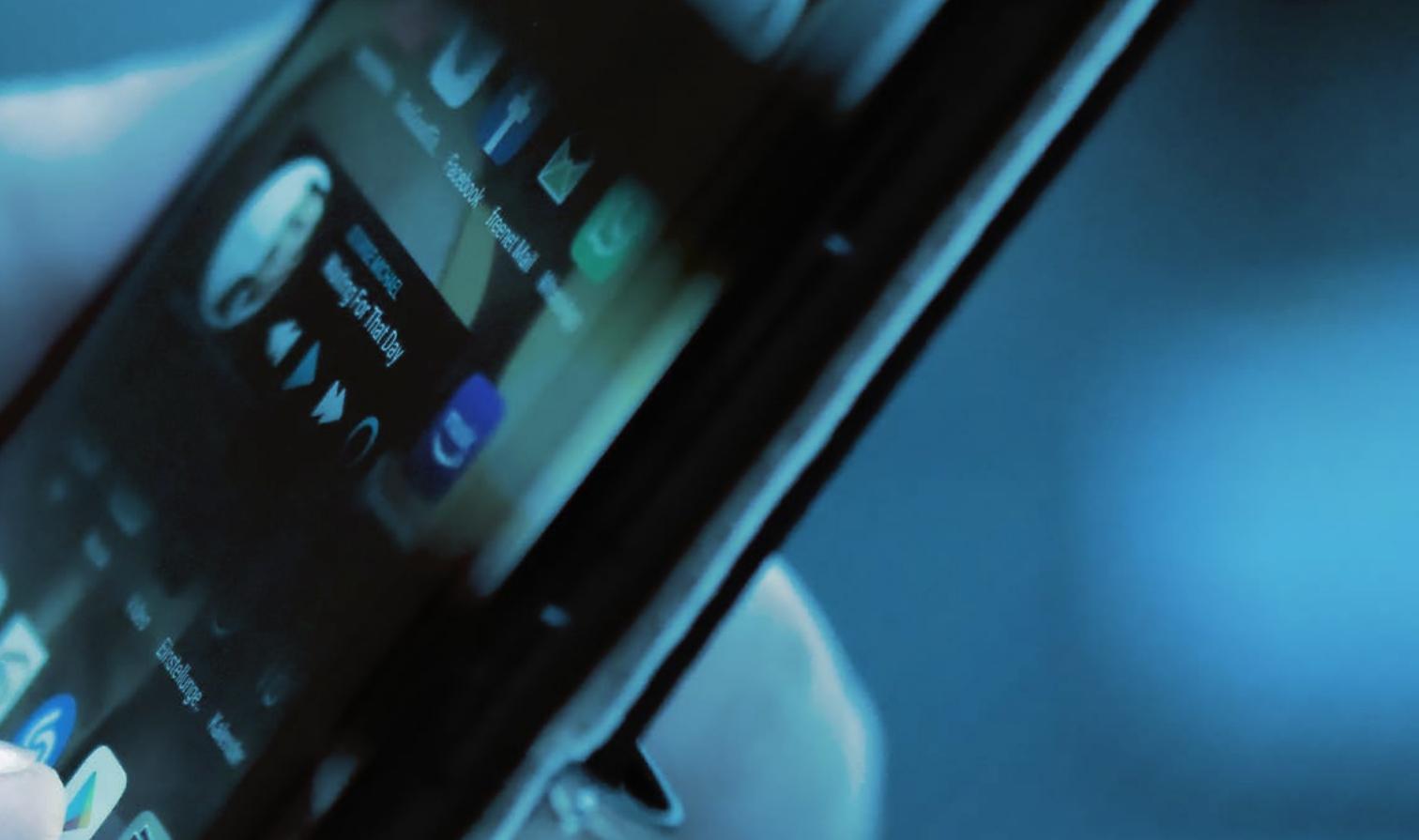
Manda um cartão-postal

Era comum a troca de correspondências entre amigos e familiares. Notícias de como estavam, o que faziam, se estavam planejando as férias do final de ano, toda sorte de informação era registrada no papel em letra cursiva ou por uma máquina de escrever. Depois, selada e enviada. No caso de viagens, havia quem preferisse mandar cartões-postais de praias, museus, praças ou o que o remetente julgasse interessante para ilustrar a mensagem que levaria dias ou semanas até chegar ao destinatário.



Lado A / Lado B

Grudados no rádio, adolescentes e jovens frequentemente queriam gravar suas músicas favoritas num mixtape. A seleção podia ser para tocar numa festa, para dar de presente ou simplesmente ouvir repetidas vezes sozinho. Para isso, podia-se ficar o dia inteiro colado no aparelho de som, com o dedo a postos no botão REC a fim de gravar sua canção favorita. A decepção vinha quando entrava uma propaganda no meio da música ou quando a fita K7 enrolava e a mixtape ia parar no lixo.



Pixabay

► site NIC.br – vale destacar que a conexão era feita pela linha telefônica, que ficava ocupada quando alguém estava na internet. Mais de duas décadas depois, precisamente em 2019, o número de usuários chegou a 134 milhões, segundo a última pesquisa TIC Domicílios, do Comitê Gestor da Internet. A pesquisa ainda apontou que 79% da população está conectada, mesmo que muitas pessoas desconheçam que aplicativos de mensagens, por exemplo, representam uma conexão à internet.

Adaptação necessária

Se estamos cada vez mais conectados, a pandemia no ano de 2020 reforçou esse laço com o mundo virtual. Fosse no trabalho, na educação formal ou não formal, no lazer e até mesmo nas práticas esportivas e atividades físicas. Nas escolas e universidades, estudantes tiveram que se adaptar ao ritmo e cadência das aulas virtuais, da mesma forma que professores precisaram se ajustar a essa realidade.

“Desenvolver uma aula *online* requer a revisão de metodologias e até dos modos de apresentar o conteúdo caso haja materiais de apoio. E mesmo que

seja uma aula baseada no falar do professor, esse professor não pode falar por muito tempo seguido. Ele não aguenta e os alunos muito menos. Então, o professor tem que adotar novas metodologias”, explicou a professora Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, especialista em ensino *online* e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na *Revista E nº 288*, de outubro de 2020.

No campo das artes, criadores das áreas de cinema, música e teatro, entre outras, buscaram formas de se apresentar e chegar ao público. Cerradas as portas de salas de cinema e teatro, as transmissões ao vivo em plataformas digitais, as famosas *lives*, dominaram a cena com espetáculos e apresentações musicais. Experimentos que devolveram a artistas, diretores, produtores, técnicos e público a possibilidade de se reencontrarem mesmo na pandemia. Festivais nacionais e internacionais da sétima arte também passaram a ser disponibilizados para um público ainda maior, cruzando fronteiras geográficas por meio de serviços de *streaming on demand*.



Conexão consciente

Dessa forma, a cada ano estamos mais imersos na web. Por isso, é preciso que a sociedade esteja informada e consciente de como navegar nesses “mares” que mais da metade da população mundial desbrava, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Também é crucial que a outra metade do mundo possa se conectar e participar dessas águas. “Lembrando que uma coisa é a rede e outra coisa é o uso que se faz dela por meio de plataformas como Google, Facebook etc.”, afirma a pesquisadora em Comunicação Digital Pollyana Ferrari, professora do Departamento de Comunicação da PUC-SP.

“Ao longo desses 25 anos de internet tivemos ganhos incríveis, saltos que mudaram a forma de fazer comunicação. Claro que uma *live*, transmitida numa plataforma digital, por exemplo, não é o mesmo que uma apresentação presencial, mas a rede nunca veio para suprir o presencial, nem foi essa a proposta original, que é conectar pessoas”, acrescenta.

Nos primeiros anos da internet no Brasil, Ferrari recorda do trabalho como jornalista de tecnologia no jornal *O Estado de S.Paulo* e da reação dos leitores com as

notícias. “A gente não pode negar que os conceitos de participação mudaram graças à rede. Ela possibilitou novas práticas de circulação do público, que ganhou voz e conteúdo, e isso se tornou um marco”, analisa a professora, que ainda pontua como destaques a internet no celular, a plataforma de vídeos YouTube e, mais recentemente, o impacto da rede durante a pandemia.

Que outros saltos podemos esperar daqui para a frente? Quantos anos mais a internet terá? Segundo a pesquisadora Pollyana Ferrari, enquanto existirmos, diversas plataformas digitais podem se extinguir, como aconteceu com o Orkut, mas a internet seguirá ativa nos conectando e avançando em alcance. Por isso, um desafio cabe a seus usuários: manterem-se vigilantes desse “organismo vivo” que é a web. Seja na regulamentação sobre plataformas e direitos sobre o uso de dados; na educação midiática para evitar manipulações e *fake news*; e no conteúdo que produzimos e compartilhamos diariamente nas plataformas. “A rede não é uma entidade. Ela é o que fazemos dela e por isso vai reverberar o que a sociedade faz no mundo presencial”, complementa. ■



Pixabay

Sesc digital em números

O Sesc possui as seguintes contas ativas no estado: @sescsp + suas 41 unidades e 9 contas de programas institucionais (Mesa Brasil, Selo e Edições Sesc, Esporte SescSP, Sesc ao vivo, ETA – Espaço de Tecnologias e Artes, CM – Centro de Música, CPT – Centro de Pesquisa Teatral e SescTV). São:

48 páginas no Facebook

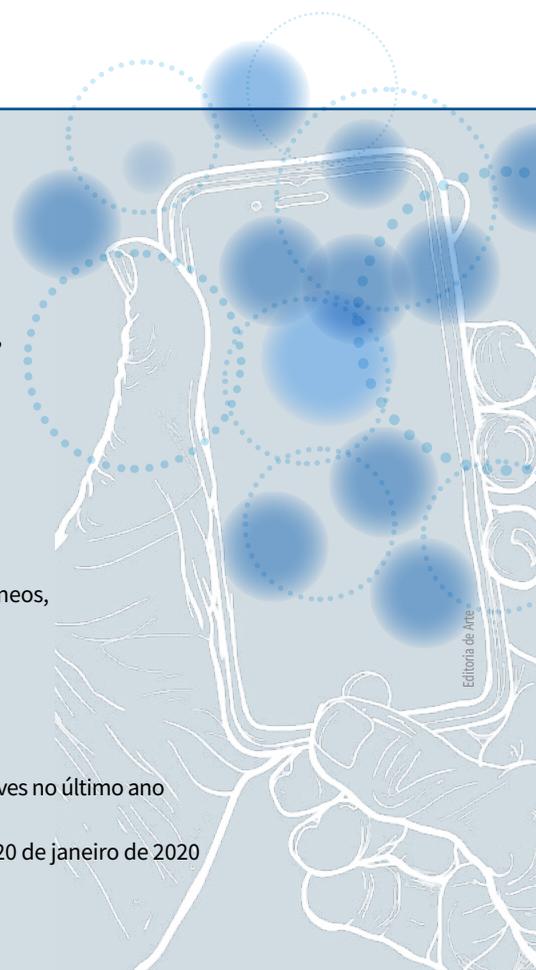
51 canais no Instagram

e **40** perfis no Twitter que somam **5.520.512** seguidores espontâneos, uma vez que o Sesc não impulsiona (patrocina) suas ações nas redes sociais.

Desde o lançamento, em abril de 2020, a plataforma Sesc Digital já teve **1.324.378** visualizações

Apenas o canal @sescsp no YouTube teve **8.796.686** visualizações de lives no último ano

Dados coletados entre os dias 18 e 20 de janeiro de 2020



Editoria de Arte

Lugar de troca e conhecimento

PORTAL SESC SP CELEBRA 25 ANOS COMO UM ESPAÇO DE RELACIONAMENTO, EXPERIMENTAÇÕES E CONTEÚDO

Alinhado às novidades tecnológicas e seu impacto sobre a sociedade, o Sesc São Paulo lança seu site no ano seguinte à chegada da internet no Brasil. Não um espaço comercial, mas um lugar que traduzisse no meio virtual a experiência das atividades presenciais realizadas pela instituição, e que expandisse seu relacionamento com o público. Em 1996, o Portal SescSP (www.sescsp.org.br) nasce como uma unidade virtual e começa a experimentar as potencialidades da web.

De lá para cá, o Portal amplia sua atuação junto ao público: compra de ingressos, agendamento de consultas do serviço de Odontologia, programação de cursos, espetáculos, palestras, entre outras ações e atividades. Até que, em 2020, é lançada a plataforma Sesc Digital (www.sescsp.org.br/sescdigital), projeto que visa transpor as ações do Sesc ao ambiente e à linguagem digitais. Além disso, a plataforma busca expandir o alcance das suas práticas de ação e difusão cultural, fortalecendo o compromisso com um processo educativo participativo, continuado e inclusivo.

“O público encontra no Sesc Digital um conjunto de programações inéditas, planejadas especificamente para o meio online, como cursos livres no formato de ensino a distância (EAD), séries de podcasts e documentários — apenas para citar alguns exemplos —, e pode explorar ainda um universo de mais de 10 mil produções que representam os 74 anos de atuação sociocultural da instituição. São registros de shows, espetáculos, oficinas, cursos, palestras e exposições, além de fragmentos de memórias de ações e atividades relacionadas às grandes áreas de atuação do Sesc: educação, saúde, cultura, lazer e assistência social”, explica Fernando Amodeo Tuacek, gerente do Sesc Digital. “Ao recuperarmos, digitalizarmos e disponibilizarmos todos esses acervos de forma livre e gratuita, esperamos contribuir para a reverberação de princípios que norteiam o Sesc, como o estímulo à autonomia pessoal e a valorização do contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir”, complementa.

CAIU NA REDE

1996

Em setembro de 1996, é lançado o primeiro site do Sesc São Paulo, hospedado na Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Era o tempo da internet discada e lenta. A *Revista E* é parcialmente publicada na internet neste ano e levada integralmente ao ambiente online em 1997.



Imagens: Reprodução

1999

Lugar de pesquisa, estudo, criação, experimentação: este seria o espaço do Sesc São Paulo na internet. O site ganha um banco de dados onde todas as unidades cadastram sua programação (sistema que existe até hoje), com todas as categorias. A parceria com artistas e pesquisadores da internet viabilizou a criação de vários sites com versões digitais da programação. Nesse ano, o Portal reunia sites 100% interativos. Estava sendo criada ali a desejada concepção da “unidade virtual” do Sesc São Paulo. Exposições temáticas foram adaptadas para a internet. Criaram-se os sites “Mitos que vêm da mata”, “Procure sua turma”, “Por quê, Pra quê?”, “Paisagem 0”, “Brincadeira de Papel”, entre outros totalmente interativos.

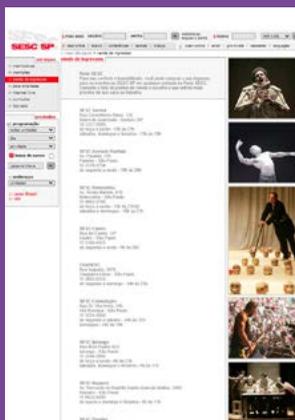


2002

É criado o site dedicado ao pensador Edgar Morin e seguem as experimentações de linguagens para a criação de sites a partir de atividades da programação.

2005

O Portal SescSP passa a investir no desenvolvimento de funções de prestação de serviço ao público. Iniciam os trabalhos para venda *online* de ingresso, inscrições nos cursos e agendamento de consulta para tratamento odontológico, entre outros serviços. Ou seja, um espaço de comunicação e relacionamento com o público. Os sites agora tinham o sentido de assegurar a presença dos projetos institucionais na internet: Dia do Desafio, Circuito Sesc de Artes, Mirada — Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas, Circos — Festival Internacional de Circo e Bial Naïfs do Brasil, entre outros.



2007 a 2009

Com a chegada do Orkut, foram criadas espontaneamente pelos públicos frequentadores das unidades do Sesc São Paulo e dos demais regionais no Brasil mais de 1.000 comunidades nesta rede social. Ficou evidente a importância de o Sesc ter seus próprios canais nas redes sociais. Em 2007, o Sesc abre o perfil @sescsp no Twitter, que em cinco anos já tinha um milhão de seguidores. E em 2008 abre o perfil @sescsp no Facebook. No ano seguinte, cada unidade abriu seu próprio perfil para se relacionar com seus públicos de forma propositiva. As *timelines* do Sesc São Paulo são ocupadas com posts sobre todos os temas abordados em sua programação.



2013

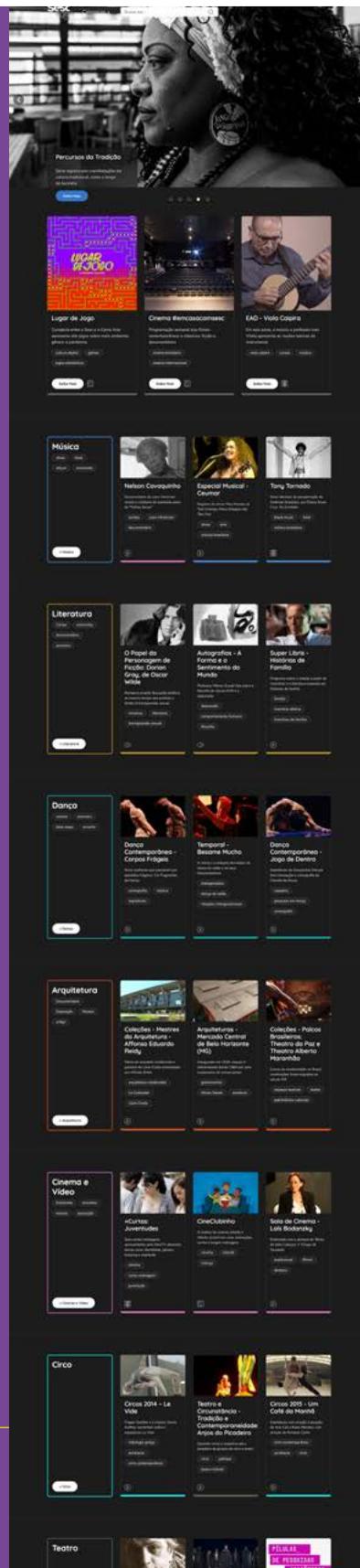
É publicada a versão do Portal que está no ar até agora. Cada unidade passou a ter um *editor web* para atualizar suas *home pages* no Portal e *timelines* no Twitter, Facebook e Instagram.

2020

É lançada a plataforma Sesc Digital, que é o repositório do conteúdo do Sesc São Paulo e tem um acervo de vídeos, textos e áudios, além de cursos livres e gratuitos de Educação a Distância (EAD).

2016

Cria-se a área do Sesc Digital, com equipes dedicadas a consolidar os aprendizados acumulados ao longo dos 20 anos de atuação digital do Sesc São Paulo e a ampliar o alcance de sua presença online.



Ode à criação POPULAR

A CRÍTICA E POETA LÉLIA COELHO FROTA RECONHECEU E
VALORIZOU TODA A POTÊNCIA DA ARTE DO POVO BRASILEIRO

“Talento, inteligência e sensibilidade.” É com essas qualidades que a socióloga, antropóloga e crítica de arte Lélia Coelho Frota é descrita pelo poeta Ferreira Gullar, em coluna no jornal *Folha de S.Paulo*, em 24 de março de 2013. O elogio registrado no diário resume bem o carinho e o reconhecimento recebidos pela pesquisadora que também era poeta.

Por sua vez, Lélia dispensava atenção e deferência aos realizadores, às manifestações artísticas e “culturas populares”. Assim mesmo, “sempre no plural”, para destacar a variedade, de acordo com a professora e pesquisadora do Programa de Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG) Leda Guimarães.

Lélia nasceu em 1938 na cidade do Rio de Janeiro e foi autora de livros basilares para a crítica, conhecedora profunda de artistas populares de matizes e materiais diversos. Pesquisadora incansável, afirmava que o artista tinha que ser investigado em seu ambiente e pela sua vivência. Isso se aplicava não apenas aos expoentes do interior do Brasil, em grande parte catalogados por ela em 2005 no *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – Século 20*, mas, também, do circuito urbano das capitais.

Em entrevista de 2009, concedida para o projeto *Sempre um Papo* por exemplo, citou o grafite como expressão de Arte Pública “fascinante e cada vez mais importante”. Na fala, compara a atenção que os “grafiteiros”, na época, recebiam no exterior, em detrimento do acolhimento nacional.

*“Sobre a mesa o relógio
anuncia meu tempo
que se desfaz em crivo
de aflito pensamento.*”

*De que jardins me evado
de que amores provenho
de que enredo impreciso
se armara o que estou
sendo. (...)*”

Lélia Coelho Frota,
em *Poesia Reunida*,
1956 a 2006
(Bem-Te-Vi, 2006)

A pesquisa profícua e o olhar dilatado da museóloga tornaram-se referências na história da arte contemporânea



Jobo Emanuel Carneiro



Vagner de Carvalho

O sergipano Arthur Bispo do Rosário, autor do Manto da Apresentação, considerado por muitos críticos uma síntese de sua obra, foi um dos artistas que Lélia Coelho Frota desvelou com a publicação de livros e disseminação da arte em rincões do Brasil

LIGUE OS PONTOS

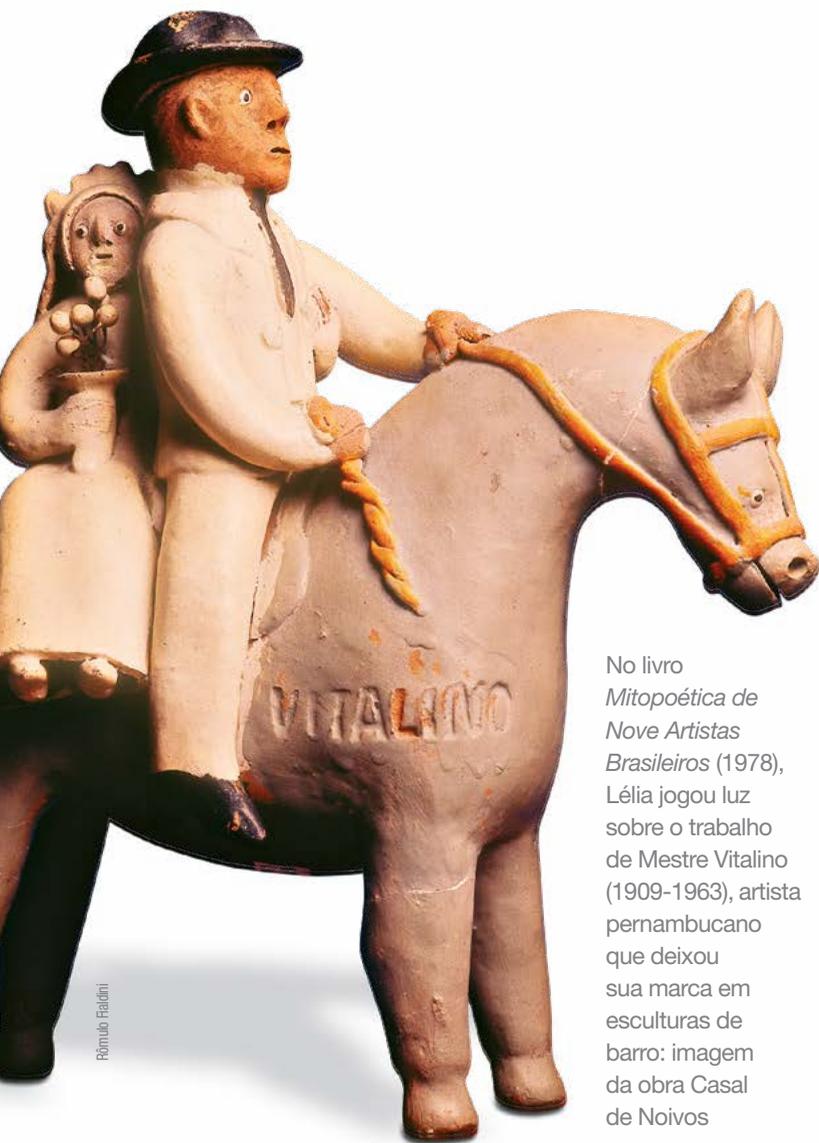
A capacidade de observar e estabelecer conexões era forte em sua atuação como crítica e na vertente poética. Atuante como gestora em vários órgãos públicos voltados às artes, desempenhou funções como diretora do Instituto Nacional de Folclore da Funarte (Fundação Nacional de Artes), presidente do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. A carreira internacional também foi expressiva: como curadora esteve à frente das representações brasileiras nas Bienais de Veneza em 1978 e 1988 e da mostra *Brasil, Arte Popular Hoje*, exibida no Grand Palais, em Paris, em 1987.

Em 2002, Lélia compôs o júri de seleção e premiação da *6ª Bienal Naïfs do Brasil*, ao lado de

Radha Abramo e Antonio do Nascimento.

No currículo, trouxe um olhar aprofundado sobre o perfil contemporâneo da produção brasileira na arte popular, evidenciando “mudanças sociais e hibridismos culturais”, ao ressaltar a “necessidade de contextualização de criadores e produções, geralmente vistos como anônimos, anedóticos, estáticos, a-históricos e, acima de tudo, sem conceito”, explica Leda Guimaraes.

Na poesia, agregou histórias saborosas e amigos. O desejo de publicação do primeiro livro a aproximou do poeta Carlos Drummond de Andrade, que na década de 1950 trabalhava no Ministério da Educação. A magnitude do escritor não arrefeceu o ímpeto da jovem – prestes a completar 18 anos – em saber sua opinião sobre a coleção de versos ▶



Rômulo Fraldini

No livro *Mitopoética de Nove Artistas Brasileiros* (1978), Lélia jogou luz sobre o trabalho de Mestre Vitalino (1909-1963), artista pernambucano que deixou sua marca em esculturas de barro: imagem da obra *Casal de Noivos*

Acervo diverso

UMA SELEÇÃO DE TEXTOS CRÍTICOS E POÉTICOS

Quinze Poemas

(Editora Pongetti, 1956 – edição esgotada)

Em suas páginas encontramos a estreia de Lélia Coelho Frota na poesia, com capa e ilustrações feitas pelo desenhista e pintor carioca Milton Dacosta, que estudou boa parte da vida no exterior e retornou ao país em 1954. O livro marcou o início da amizade entre a autora e Carlos Drummond de Andrade, procurado por ela enquanto funcionário do Ministério da Educação para opinar sobre seus poemas.

Menino Deitado em Alfa

(Editora Quíron, 1978 – edição esgotada)

Este livro rendeu frutos laureados: o Prêmio Jabuti na categoria poesia e o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras, ambos em 1979. A apresentação da publicação original foi feita pelo escritor Luiz Paulo Horta e a introdução pelo jornalista, escritor e amigo mineiro Otto Lara Resende.

Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – Século 20

(Editora Aeroplano, 2005, encontrado em sebos)

Quando o dicionário foi lançado, Lélia já acumulava 30 anos de pesquisa sobre a produção brasileira. A edição, pioneira em organizar informações sobre 150 criadores da vertente popular, com 444 páginas e bilingue, divide-se entre verbetes biográficos e temáticos: desde a formação social dos artistas até o significado de festas, arquitetura e espaço, e arte pública.

Poesia reunida

(Editora Bem-Te-Vi, 2006)

Como o nome alude, oportunidade de ler sua obra poética completa, somando mais de 500 páginas, abrangendo os anos de 1956 a 2006. A introdução do volume foi feita pela escritora Heloísa Buarque de Hollanda.



Roberto Cavadas

► fresquinhos, os quais originariam *Quinze Poemas* (1956), ponto de partida de uma escrita consistente, que não estacionou na fase adolescente.

A paixão pelos versos a acompanhou por toda a sua trajetória pessoal e profissional. Pouco antes de morrer, em 2010, Lélia concebeu a coleção *Canto do Bem-te-vi*, da Editora Bem-te-vi, reunindo passado e futuro, ao garimpar novos poetas e resgatar nomes da geração dos anos 1960 e 1970.

TROCA DE SABERES

Ainda na vertente das descobertas, no livro *Mitopoética de Nove Artistas Brasileiros* (1978) revelou o Mestre Vitalino (1909-1963), pernambucano que deixou sua marca nas esculturas de barro, e Arthur Bispo do Rosário (1911-1988), que ao unir objetos do cotidiano ao bordado quebrou paradigmas entre vida e obra. “Lélia nos ensinou que não podemos posicionar os populares

periféricamente à arte hegemônica”, acrescenta Leda. “Cada vez mais, vemos artistas que saem do lugar de ‘narrador’ e instauram suas próprias narrativas.”

Ao iluminar carreiras e apresentar artistas, a produção de Lélia segue influenciando trajetórias, a exemplo da professora adjunta do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Isabela Frade, que atua na cadeira de Cerâmica/Escultura, modalidades caras a Lélia. Isabela aponta a potência intelectual “ainda pouco explorada” da pesquisadora, tendo nela sua principal referência para os estudos de artesanato e arte popular, situados em novo patamar.

“Esse estatuto de arte para o trabalho de criação popular se deve primeiro ao crítico Mário Andrade e depois à Lélia”, garante Isabela. Na entrevista, concedida por e-mail, a professora expressa sua alegria ao revisitar os passos da crítica: “Ela merece ser revista e reconhecida”. ■

Juntos e conectados

15ª EDIÇÃO DA BIENAL
NÃIFS DO BRASIL REÚNE
PASSADO E PRESENTE
DA MOSTRA

A edição 2020-2021 da Bienal Nãifs do Brasil conta com a curadoria de Ana Avelar e Renata Felinto, que reverenciam Lélia Coelho Frota e também Ana Mae Barbosa, mulheres intelectuais brasileiras que demonstraram em suas pesquisas a preocupação e o cuidado com o entendimento da pessoa artista e de sua produção de forma mais humana e plural. Esta edição reúne obras de 129 artistas de 21 estados do país, além do Distrito Federal. No ambiente virtual, é possível conhecer as obras e catálogos desta e das mostras anteriores. Saiba mais em: www.secscsp.org.br/bienalnaifs.



Lucas Carosino

Lançamento Selo Sesc

Villa-Lobos Trios

Ricardo Castro piano
Antonio Meneses violoncelo
Claudio Cruz violino
Gabriel Marin viola

Ricardo Castro, Antonio Meneses, Claudio Cruz
e **Gabriel Marin** apresentam a primeira gravação
mundial completa dos trios de **Heitor Villa-Lobos**

Já disponível **Sesc** digital    

selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja

    /selosesc

Memória em mutação

MONUMENTOS DA CIDADE DE SÃO PAULO GUARDAM A
NARRATIVA SECULAR DE NOSSA FORMAÇÃO CULTURAL

São Paulo, que comemorou 467 anos em 25 de janeiro, é repleta de histórias. Existe memória em cada esquina. E os monumentos espalhados pela cidade guardam parte dessa narrativa secular. Quer saber mais? Basta visitar o Monumento às Bandeiras, ao lado do Parque Ibirapuera; ou o Monumento a Ramos de Azevedo, no bairro do Butantã; ou ainda o Monumento à Independência, no bairro do Ipiranga, entre tantos outros, para cruzar tempo, espaço e eventos históricos de nossa formação cultural.

REUNIÃO DE FATOS

Se nossa trajetória é intrínseca à cidade, a reunião de memórias é parte dessa complexa triangulação. É o que explica Gustavo Piqueira, autor de *A Pirâmide do Piques: São Paulo Narrada pelo Largo da Memória* (Edições Sesc São Paulo, 2020): “Para uma cidade do tamanho de São Paulo, creio ser difícil qualquer tipo de síntese – inclusive aquela que busca delinear uma só memória coletiva. O que existe é uma narrativa ‘oficial’ da cidade que se afirma como tal”.

De acordo com a coordenadora do Núcleo de Monumentos e Obras Artísticas do DPH (Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo), Alice Américo, apesar de a cidade estar em constante mudança, “os monumentos históricos preservados são os que se tornaram referenciais urbanos e, mesmo que o significado atribuído à obra seja totalmente diferente do propósito para que ela foi construída, a sociedade e cada indivíduo foi estabelecendo vínculos afetivos que passaram a compor o seu dia a dia”.

Em sua experiência, a pesquisadora reforça o poder de ressignificação dessas obras, quando atreladas à visão da cidade de hoje. Assim, o reconhecimento da população sobre a importância da preservação conjuga-se a ações do poder público. “Ao mesmo tempo, o poder público também precisa colaborar ao relacionar essas obras com o contexto urbano atual, integrando-as à cidade contemporânea”, completa Alice. ■

NO CENTRO DA HISTÓRIA

*Largo da Memória “relata”
acontecimentos únicos da capital*

Ao percorrer as páginas de *A Pirâmide do Piques: São Paulo Narrada pelo Largo da Memória* (Edições Sesc São Paulo, 2020), a cidade em suas diversas formas, cores e épocas aparece em movimento. Há mapas, textos e iconografias para incluir o leitor no local das mudanças vivenciadas pelo Centro.

O Largo da Memória é uma área tombada próxima ao metrô Anhangabaú e considerada o primeiro monumento municipal e marco urbanístico da cidade. Formado pela rua do Paredão (Cel. Xavier de Toledo), ladeira do Piques (Quirino de Andrade) e a Ladeira da Memória, unificou pelo nome a conexão desses três caminhos.

O autor do livro, Gustavo Piqueira, acrescenta: “Acredito que a trajetória do Largo ilustre essa dinâmica de ir deixando tudo – edificações, regiões, hábitos, pessoas... – pra trás em detrimento daquilo que cintile alguma aura de novidade. Foi, inclusive, um dos motivos pelo qual escolhi o local como ‘narrador’ do livro”. Leia um trecho da obra em: https://www.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/997_A+PIRAMIDE+DO+PIQUES#/tagcloud=lista



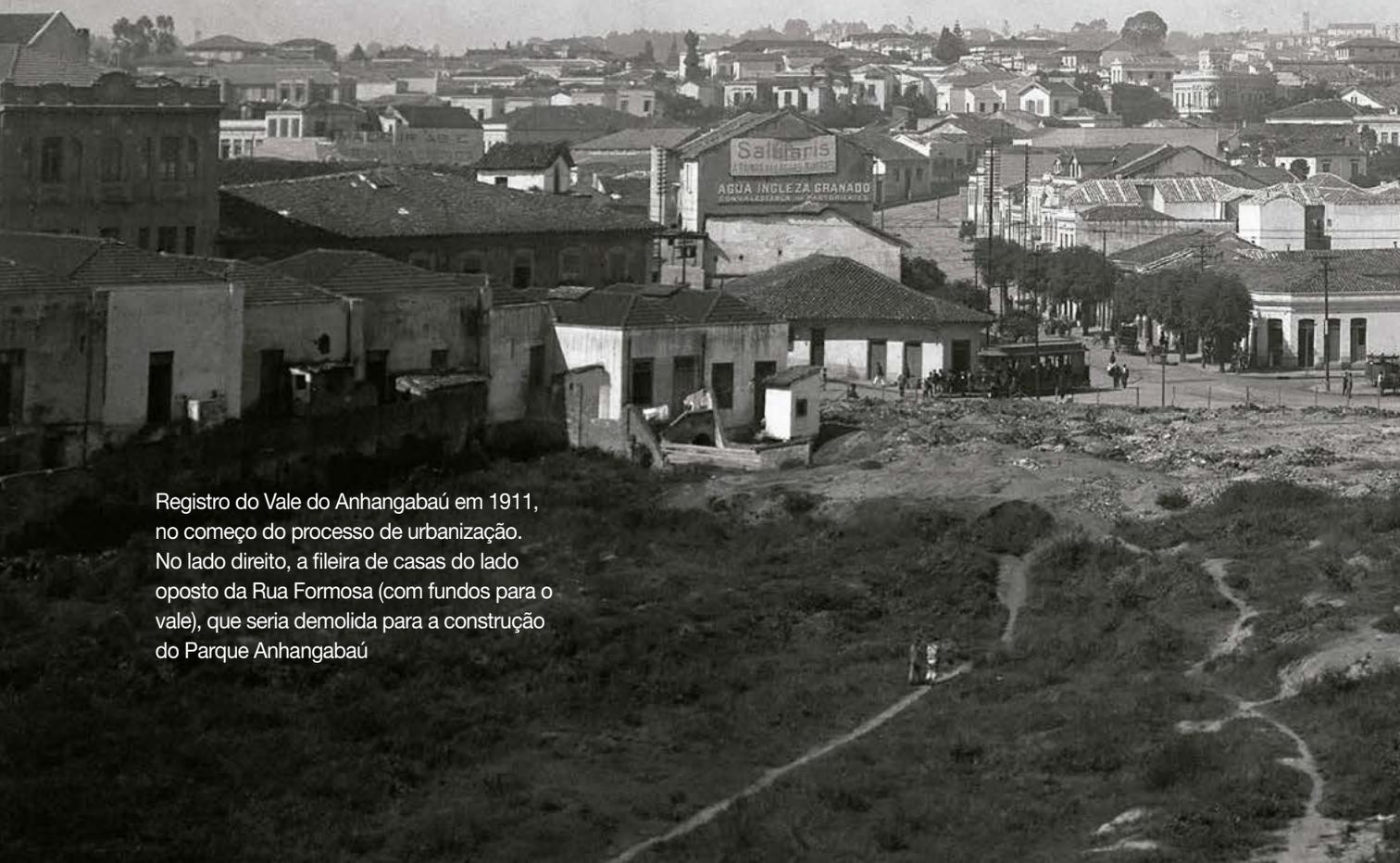
Divulgação



Foto de Gustavo Piqueira, 2018



Como um organismo vivo, a cidade passa por constantes processos de mudança. Com isso, os monumentos históricos tornam-se referenciais urbanos com os quais moradores criam vínculos afetivos. Esse é o caso do Largo da Memória, área tombada próxima ao metrô Anhangabaú, na capital paulista: marco urbanístico da cidade, o Largo, composto pelo obelisco, chafariz e painel de azulejos é o protagonista desta narrativa em imagens



Registro do Vale do Anhangabaú em 1911, no começo do processo de urbanização. No lado direito, a fileira de casas do lado oposto da Rua Formosa (com fundos para o vale), que seria demolida para a construção do Parque Anhangabaú





Foto de Militião Augusto de Azevedo, 1862

O Largo da Memória é formado pela rua do Paredão (Cel. Xavier de Toledo), Ladeira do Piques (Quirino de Andrade) e a ladeira da Memória: a área tombada como monumento é a conexão desses três caminhos

O chafariz do Largo da Memória servia tanto para fornecer água aos moradores no entorno quanto para matar a sede de cavalos e burros que chegavam à cidade

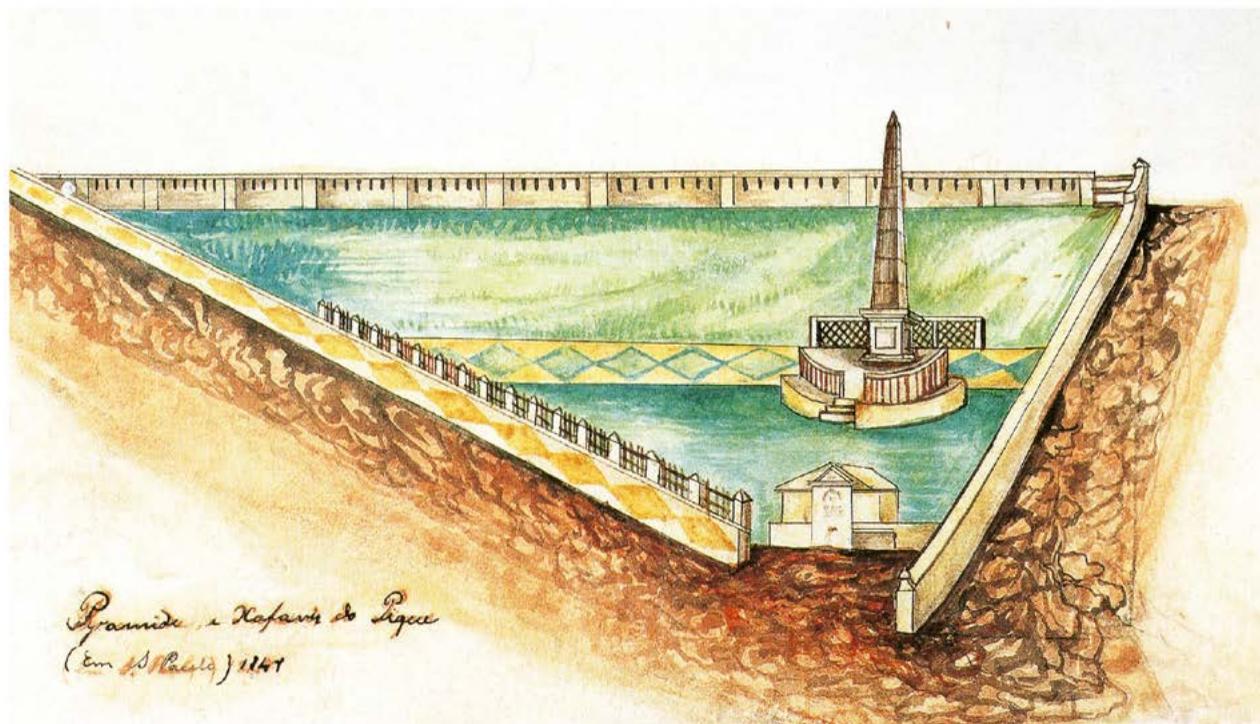
Foto de Militião de Azevedo, 1862, tirada próximo à Igreja e ao Convento de São Francisco



Foto de Militião Augusto de Azevedo, 1862



Foto de Militião Augusto de Azevedo, 1862



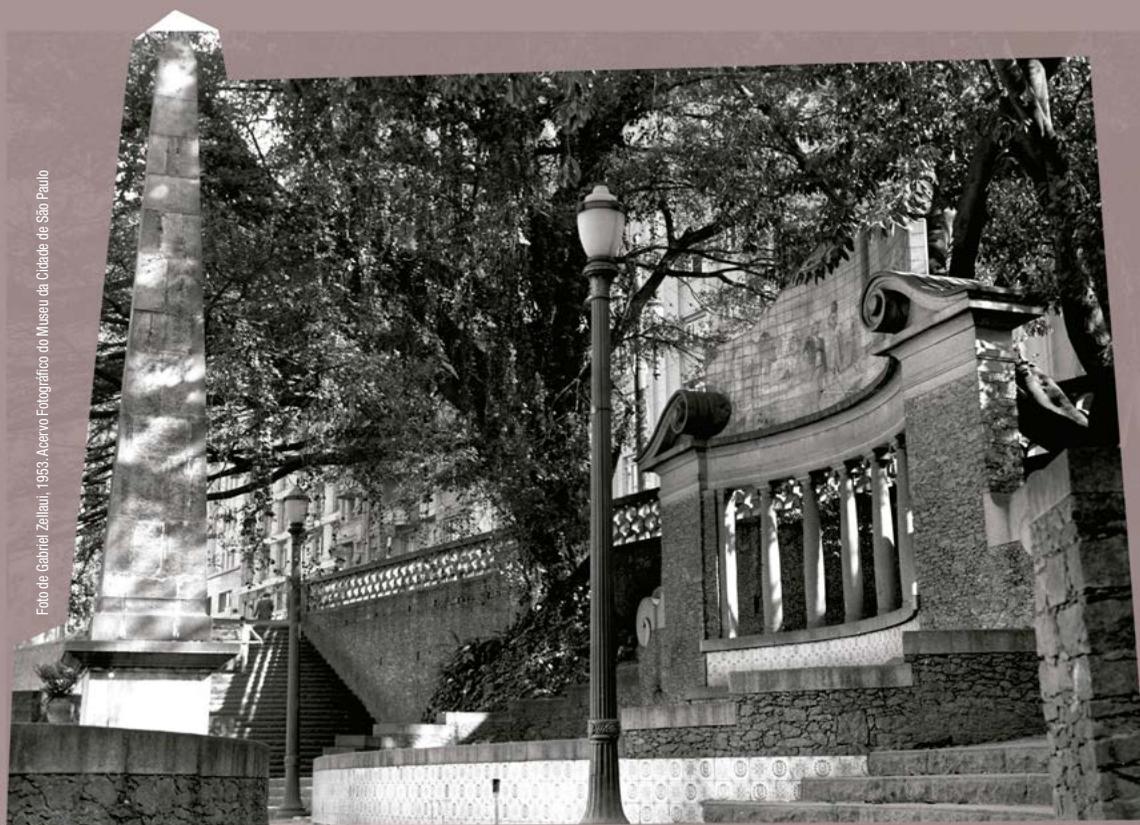
TOLÉDO, Benedito Lima de, Anhangabau, São Paulo, Fiesp, 1969

Pyramide e Xafariz do Pique, aquarela de 1847 do pintor paulista Miguelzinho Dutra: primeira representação visual do Obelisco do Piques



Cartão-postal do Obelisco da Memória. Edição de Rotschild & Co., s/d

Foto de Gabriel Zellau, 1963. Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo



Obelisco do Piques, primeiro monumento da cidade, erguido em pedra de cantaria por Vicente Gomes Pereira, o mestre Vicentinho, em 1814

Cenas da cidade foram retratadas no painel de azulejos do Largo da Memória feito pelo ceramista e pintor paulista José Wasth Rodrigues







Imagens do Largo da
Memória entre os anos de
2018 e 2019: pixações e
outras interferências urbanas
sobre a área tombada



Foto de Gustavo Piqueira, 27/03/2019



Foto de Gustavo Piquiera, 2018/2019



Foto de Gustavo Piqueira, 2018/2019

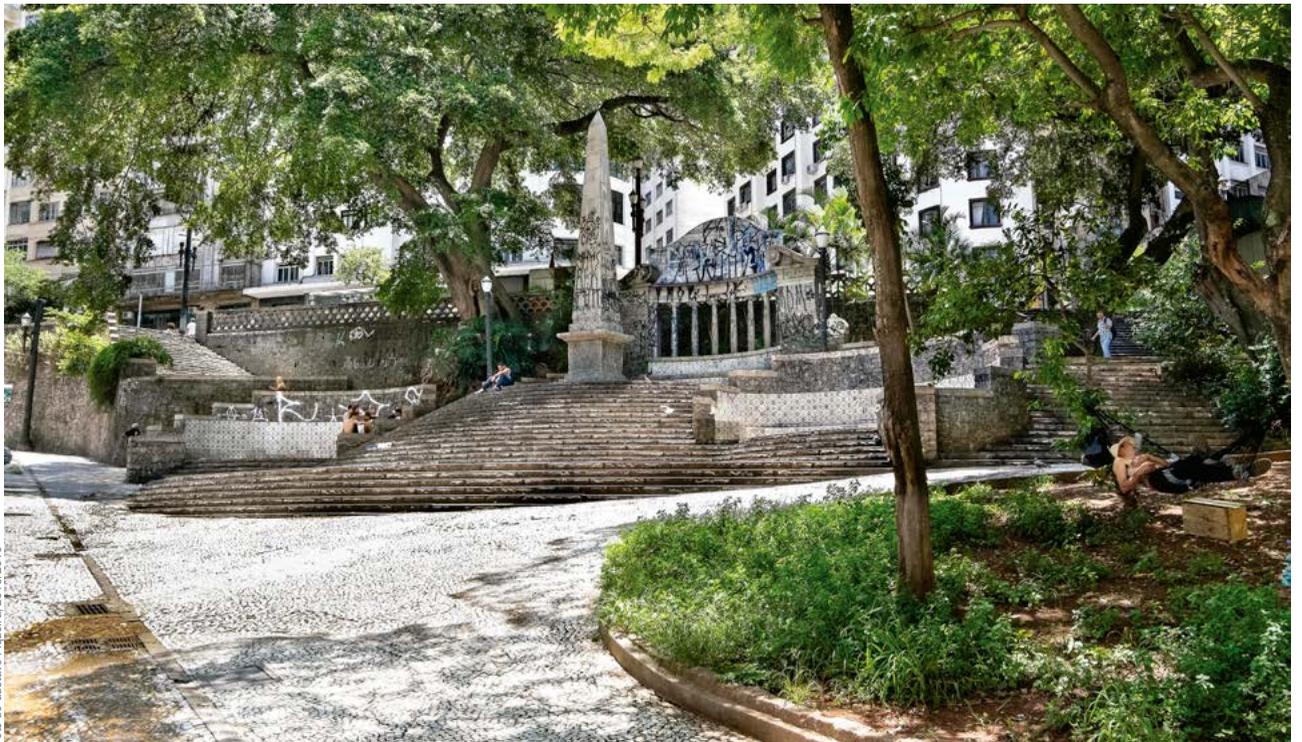
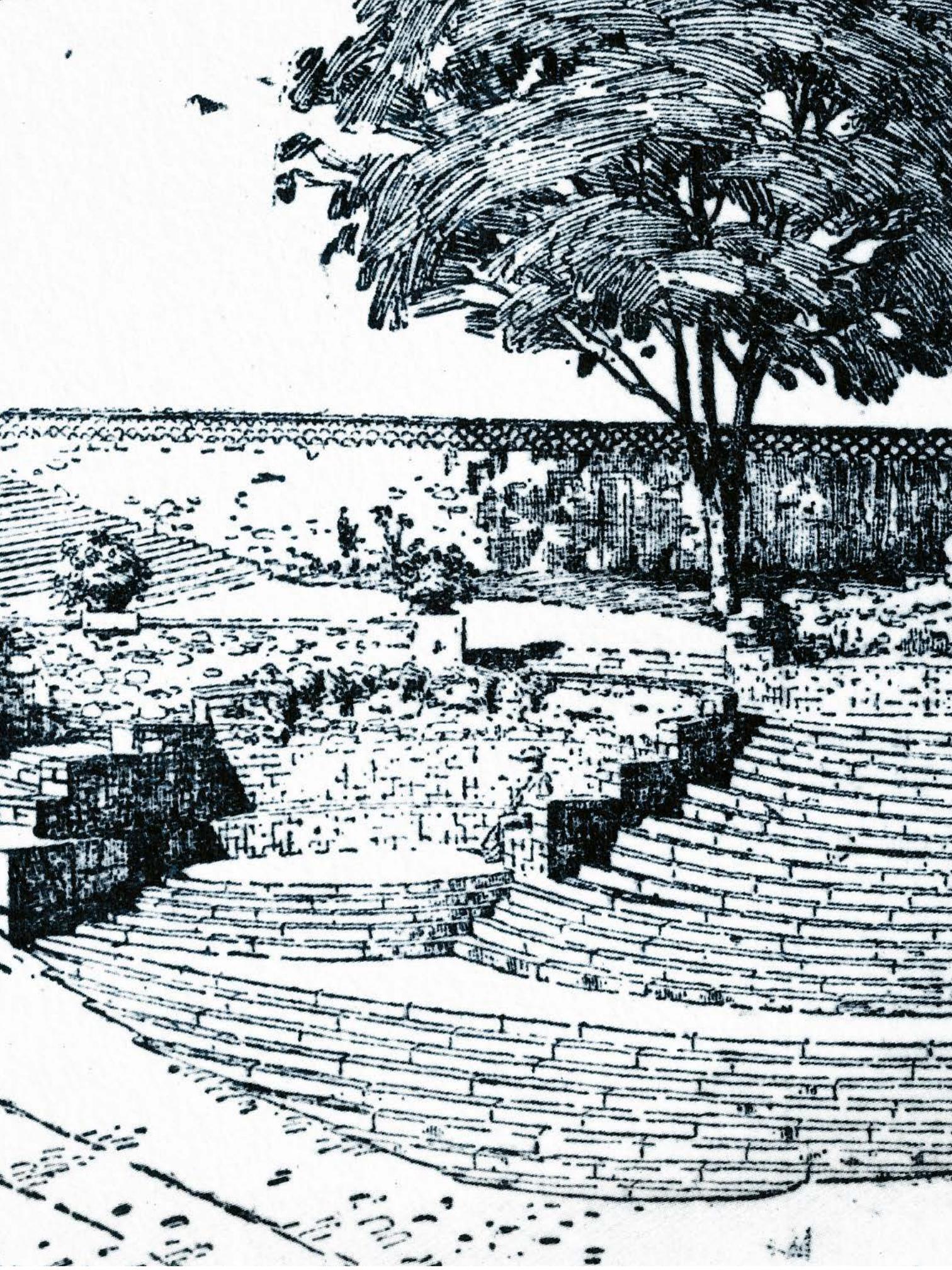
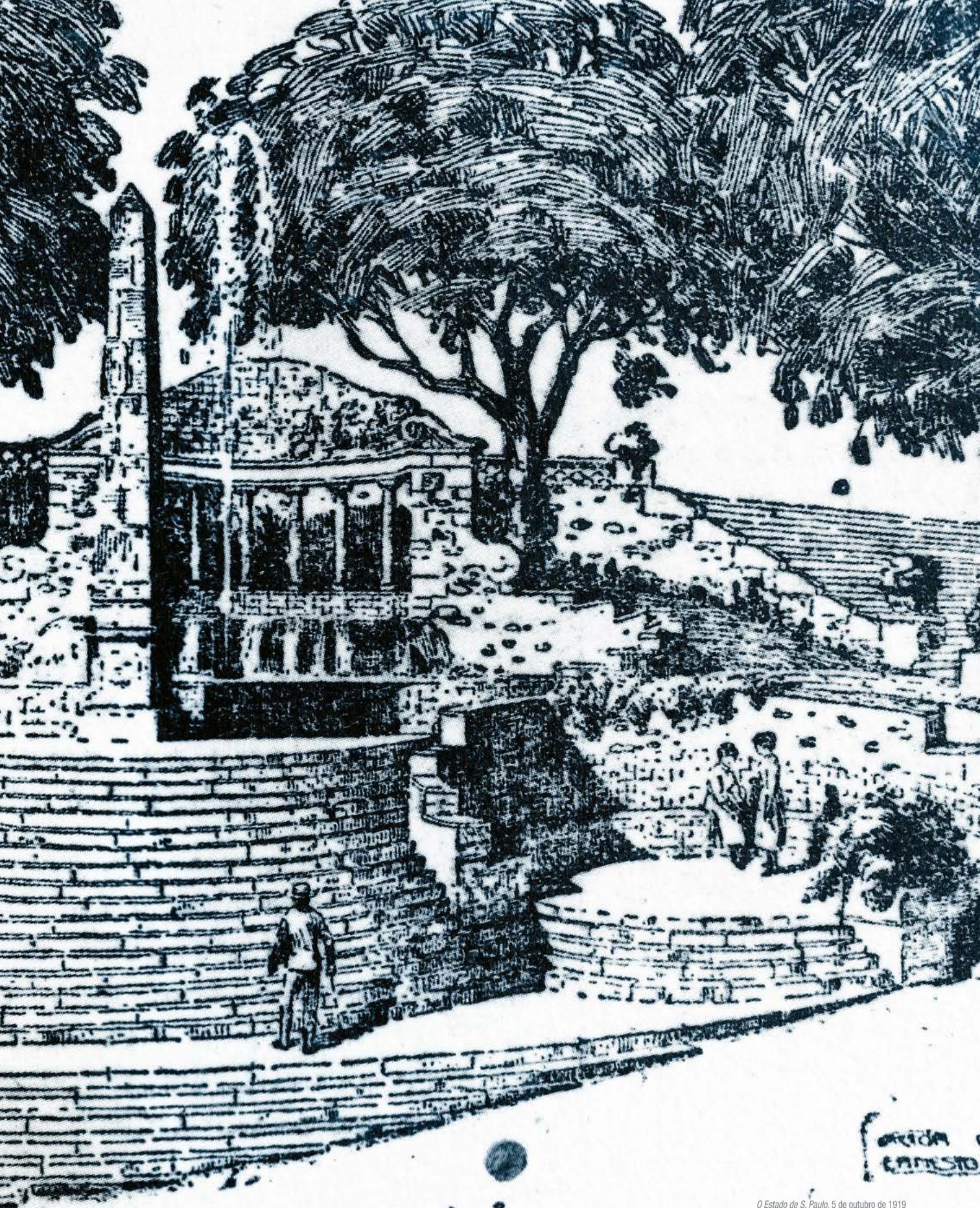


Foto de Gustavo Piqueira, 2018/2019





ARCA
CARMISTO

EM CENA

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ATOR É LEGADO
DE UM DOS MAIS IMPORTANTES DIRETORES DO
TEATRO CONTEMPORÂNEO NACIONAL

De que barro se esculpe um ator ou atriz? Que ferramentas são necessárias para se tornar o fingidor que finge ser a dor que de fato sente? Para aqueles e aquelas que fizeram a formação de ator com Antunes Filho, algo mais lhes foi requisitado. Algo que artistas consagrados, como Raul Cortez (1932-2006), Eva Wilma e Laura Cardoso, já compartilharam em entrevistas: é preciso uma profunda doação e inteireza. Sua metodologia, composta por exercícios diversos, resultou numa espécie de balé que movimenta dos pés aos fios de cabelo daqueles que estão em cena até reverberar no público.

“Eu não fiz o método porque eu quero inovar. Precisei construir na prática uma série de exercícios que, como resultado, a gente poderia ter uma certa metodologia a respeito”, contou o diretor no sexto capítulo da série *O Teatro Segundo Antunes Filho*, disponível na plataforma Sesc Digital (leia boxe *Jogo de mestre*). Metodologia essa que também é fruto da trajetória de Antunes, que fez parte de uma geração de diretores brasileiros influenciados pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e pela troca com renomados encenadores estrangeiros, como Ziembinski (1908-1978), Adolfo Celi (1922-1986), entre outros (leia o *Perfil de Antunes* publicado na [Revista E nº 273, de julho de 2019](#)).

Um dos principais nomes do teatro brasileiro, o diretor Antunes Filho (1929-2019) num registro durante ensaio do espetáculo *O Canto de Gregório* (2004), no Centro de Pesquisa Teatral (CPT) do Sesc

A high-contrast, black and white close-up portrait of Emerson Danesi. He is wearing round-rimmed glasses and has a pipe in his mouth. The lighting is dramatic, highlighting the texture of his skin and the details of his glasses. The background is dark and out of focus.

“ANTUNES FILHO
DIZIA QUE ENQUANTO
NÃO FORMÁSSEMOS
GRANDES HOMENS E
GRANDES MULHERES,
PORTANTO GRANDES
CIDADÃOS, NÃO
FORMARÍAMOS
GRANDES ARTISTAS”

EMERSON DANESI, ator, diretor
e assistente do diretor no CPT
por 23 anos



Emílio Luis

Registros de criações, pedagogia, metodologias e pesquisas do diretor são preservados pelo CPT: na foto, Antunes Filho nos bastidores, em 2009

Por quase quatro décadas na direção e coordenação do Centro de Pesquisa Teatral do Sesc, Antunes imbuiu alunos e alunas de suas experiências e vivências, além de livros sobre as artes da cena, mas também sobre física quântica e outros saberes. Um vasto conteúdo que se somou à pesquisa sobre o corpo e a voz, compondo aí uma série de exercícios e sua metodologia de trabalho.

“Ele dizia que enquanto não formássemos grandes homens e grandes mulheres, portanto grandes cidadãos, não formaríamos grandes artistas. Ele tinha essa busca”, conta o ator e diretor Emerson Danesi, assistente de Antunes por 23 anos no CPT. “Ele tinha muitas indagações quanto ao estudo, ao desenvolvimento do pensamento filosófico, ao desenvolvimento social e político desse ator, dessa atriz, desse intérprete aqui no CPT, e tudo isso, evidentemente, movimentou o eixo de Formação do Ator.”

MAIS ALÉM

Diretora artístico-pedagógica do Célia Helena Centro de Artes e Educação, a atriz, diretora e arte-educadora Lígia Cortez, que participou da remontagem de *Macunaíma*, em 1978, dirigida por Antunes Filho, teve o encenador como referência para sua formação de atriz, mas também de educadora. “Estar no grupo Macunaíma e no início do CPT foi fundamental. Aquilo me forjou como profissional. Não só a disciplina e a concentração, mas o que tinha ali, e o que Antunes trazia: um pensamento estético do artista enquanto criador. Também de que a gente – tive essa oportunidade e sou muito grata a ele – é muita coisa além de ator”, contou no *podcast Aproximações Pedagógicas*.

De outra geração, Lee Taylor se sentou na cadeira de espectador até vestir o papel de aluno e ser convidado a integrar o CPT, do qual fez parte de 2004 a 2013. A vivência do método Antunes em montagens como



Dica de leitura

Publicados pelas Edições Sesc São Paulo, três obras servem de bússola para peregrinos da herança deixada pelo encenador e educador Antunes Filho. Em *Hierofania: O Teatro Segundo Antunes Filho* (2010), de Sebastião Milaré, o método criado por Antunes, referências estéticas e exercícios. Já no livro *Antunes Filho: Poeta da Cena* (2010), de Emidio Luisi e Sebastião Milaré, a história do diretor costurada por material fotográfico e textos. Há também no *Teatro Sesc Anchieta: Um Ícone Paulistano* (diversos autores, 2017), histórias e personagens que fizeram parte do CPT. Confira: www.sesc.org.br/edicoessesc.

A *Pedra do Reino* o instigou a estudar academicamente o processo: desde a origem da metodologia até sua manifestação. “Tive o apoio do Antunes porque ele era o maior interessado na minha pesquisa. Ele nunca teve o interesse de ele mesmo escrever sobre o assunto. E na trajetória dele, desde 1981, quando começou a fazer isso, ele contava com uma série de colaboradores que faziam parte do elenco e anotavam tudo aquilo que ele compartilhava e pesquisava dentro do grupo”, depõe na série *Pílulas de Pesquisas Acadêmicas*.

Até hoje, tal ensinamento ressoa na vida e na carreira de Taylor. “Ele não foi simplesmente um professor, um diretor, um artista com quem eu trabalhei, ele foi realmente um mestre”, compartilhou emocionado. “Eu pude ver, ao entrar em contato com outros artistas que passaram pelo CPT, o quanto Antunes era catalisador de um processo radical de autoconhecimento, de transformação, de mudanças.” ■



Capas: Divulgação





Adriana Mochi

A vivência do método criado por Antunes Filho (na foto, em ensaio de *Antígona*, no CPT, em 2004) reverbera até hoje na carreira de artistas de diferentes gerações

Jogo de mestre

ENTREVISTAS,
ESPETÁCULOS,
EXPOSIÇÕES E
PODCAST AMPLIFICAM
ALCANCE DA OBRA DE
ANTUNES FILHO

A arte do encontro teve em Antunes Filho um grande encenador. Dedicado ao método por ele desenvolvido, dirigiu e coordenou por 37 anos o Centro de Pesquisa Teatral (CPT) do Sesc. “Depois da passagem de Antunes em 2019, formamos uma comissão para entender como seria o CPT após esse longo período de regência de Antunes Filho, seu trabalho imenso de criação, de pedagogia, de metodologias, de pesquisas”, conta Emerson Danesi, que integra o CPT desde 1996.

Danesi explica que, a partir desse legado, foram levantados cinco eixos de ações – Formação de Ator, Criação e Experimentação, Dramaturgia, Cenografia e Memória, Acervo e Pesquisa. “Após a exposição em comemoração aos 90 anos de Antunes realizada em dezembro de 2019, no CPT, com a curadoria e criação de Ricardo Muniz Fernandes, faríamos todo o trabalho presencial no começo de 2020”, relata. Como as ações presenciais foram suspensas desde o início da pandemia, uma programação virtual foi pensada por uma comissão formada por de diversas áreas do Sesc.

Fazem parte da programação um acervo digital composto por espetáculos, entrevistas, *podcasts*, documentários e outros conteúdos disponíveis na plataforma Sesc Digital. “Ao homenageá-lo, convidamos a entrar em seu universo de criações, experimentações e parcerias, onde a verve do fazer teatral anuncia a potência da arte como força transformadora, capaz de inspirar a formação de artistas, de públicos e de cidadãos”, propõe Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo, na página dedicada ao artista. Evoé, Antunes! Evoé!

Confira alguns destaques e saiba mais:

<https://sesc.digital/colecao/antunes-filho>.

DOCUMENTÁRIO

OUTRAS TRAJETÓRIAS

Uma parte do que se deixa, outra parte do que se leva. Neste web documentário que se ambienta em São Paulo, quatro pessoas que passaram pela formação de atores do CPT e seguiram outras trajetórias profissionais dão seu depoimento: a professora de história da arte e interpretação teatral Marlene Fortuna; a produtora de cinema Justine Otondo, o diretor de dança-teatro, iluminador e gestor cultural Fábio Mazzoni; e o advogado e pesquisador teatral Thiago Brito. Cada qual compartilha aprendizados e ferramentas das aulas com Antunes Filho. Direção de Verônica Zacharias Gabriel e produção de Matheus Machado. Assista: <https://sesc.digital/conteudo/teatro/55751/outras-trajetorias>



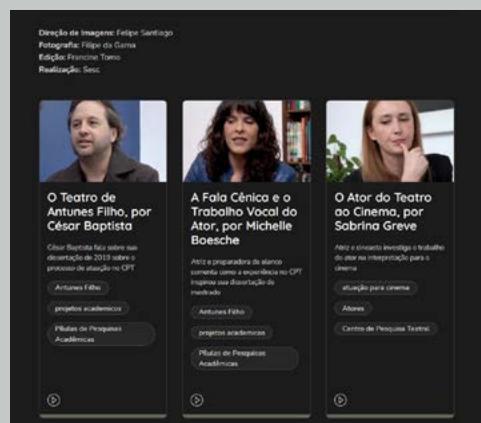
Fábio Mazzoni | Foto: Divulgação



Marlene Fortuna | Foto: Divulgação



Thiago Brito | Foto: Divulgação



Reprodução

VÍDEOS

PÍLULAS DE PESQUISAS

Que vivências são experimentadas pelos artistas que passaram pelo Centro de Pesquisa Teatral (CPT) do Sesc? Nesta série de depoimentos em vídeo, quatro ex-integrantes – Lee Taylor, Sabrina Greve, Michelle Boesche e César Baptista – falam sobre experiências com o método e as práticas teatrais aplicadas por Antunes Filho. Em comum, esses artistas compartilham um pensamento sobre o fazer teatral e sobre como essa formação se tornou fonte de suas pesquisas acadêmicas. A direção de imagens é de Felipe Santiago, fotografia de Filipe da Gama e edição de Francine Tomo. Saiba mais: <https://sesc.digital/colecao/pilulas-de-pesquisas-academicas>

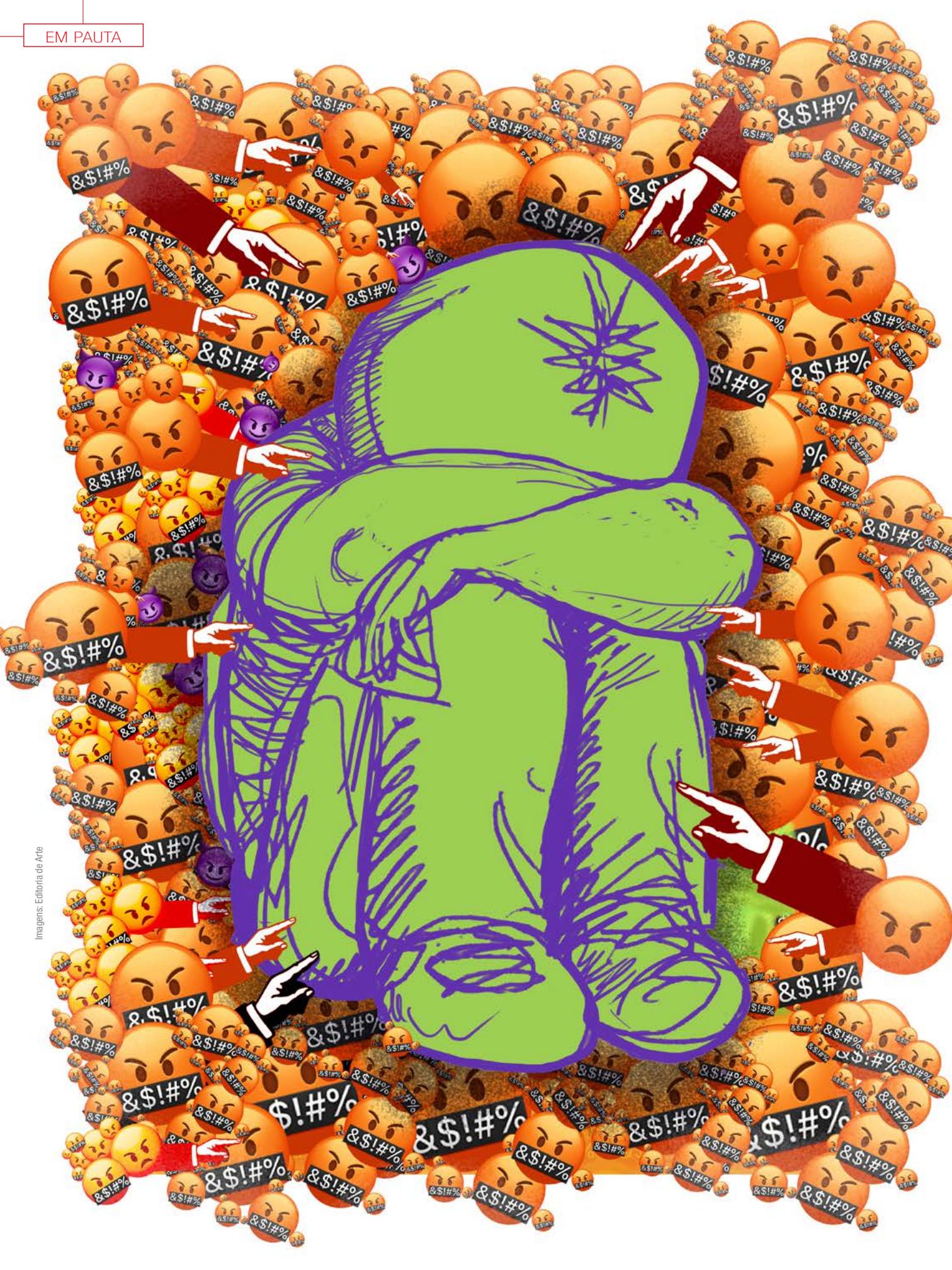
PODCAST

APROXIMAÇÕES PEDAGÓGICAS: A FORMAÇÃO DO ATOR

Vamos fazer uma caminhada em ondas sonoras pela história do ensino e profissionalização do teatro em São Paulo? Neste *podcast* de oito episódios, partimos da fundação, em 1948, da Escola de Arte Dramática (EAD), percorrendo a segunda metade do século 20 e, finalmente, no século 21, com a criação da SP Escola de Teatro em 2010. Para compreender esse cenário, são entrevistados coordenadores e professores de oito instituições, que se aprofundam nas particularidades de cada uma delas para traçar um mosaico das possibilidades de formação do ator profissional hoje. A série foi produzida pela Soupods para o Centro de Pesquisa Teatral (CPT), com direção de Eliane Leme, enquanto pesquisa, roteiro e narração são de Mariana Delfini. Ouça aqui: <https://sesc.digital/colecao/aproximacoes-pedagogicas>



Reprodução



Perigo na rede

Assunto sério e cada vez mais discutido em casa e nas escolas, as agressões sofridas por crianças e adolescentes na internet, conhecidas pelo nome de *cyberbullying*, ganharam maior evidência com a pandemia. Antes mesmo da necessidade de restrição social e fechamento das unidades de ensino públicas e particulares, dados de uma pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em 30 países, e divulgada em 2019, apontaram que, no Brasil, 37% do grupo formado por crianças e adolescentes afirmaram ter sido vítimas de ataques *online*. Neste cenário, as redes sociais foram relatadas como o espaço onde mais ocorrem casos de violência entre jovens no país, que, segundo o Instituto de Pesquisa Ipsos, está em segundo lugar no ranking dos países com mais casos de *cyberbullying* contra crianças e adolescentes. “A vida social, em alguma medida, se transportou para a internet e, infelizmente, pensar em vida social é ter de considerar também conflitos e violências. Nesse sentido, aumentar o acesso à internet e às redes sociais reforçou uma prática de violência que já estava posta em debate há algum tempo, refiro-me ao *cyberbullying*”, observa a antropóloga Fernanda Martins Sousa, coordenadora da área de desigualdades e identidades do InternetLab, e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença da Universidade de São Paulo (Numas-USP). Nesse contexto, de que forma impedir e penalizar agressores? Para o jornalista e mestre em Tecnologia e Sociedade Guilherme Alves, “a [Lei nº 13.185/2015](#), que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), foi um importante passo no sentido de envolver toda a sociedade no combate a esse tipo de violência”, que inclui a internet como um dos meios de prática. Coordenador de Engajamento de Jovens na Safernet Brasil (associação civil com foco na promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil), Guilherme acredita que “precisamos fortalecer nas atividades escolares remotas discussões sobre comportamentos positivos e estratégias educativas de prevenção à violência”. Neste *Em Pauta*, Fernanda Martins Sousa e Guilherme Alves compartilham dados, reflexões e metas a respeito.

Descortinamento de fragilidades estruturais

FERNANDA MARTINS SOUSA

A pandemia da Covid-19 lançou luz sobre problemas relacionados à desigualdade que já estruturavam a sociedade brasileira, mas que, em alguma medida, ficavam invisibilizados, abrindo pouco espaço para questionarmos algumas dinâmicas. No campo da educação, o fechamento de escolas e a necessidade de aulas à distância foram dois fatores que descortinaram a exclusão digital de parte das crianças e adolescentes brasileiros. Isso porque a necessidade de aulas *online* trouxe à tona um grande problema: a falta de acesso à internet de parte considerável da população.

Esse primeiro problema já demarcava um ponto essencial: as infâncias e as adolescências brasileiras são múltiplas, não sendo possível pensar nessa parcela da população sem considerar questões de gênero, raça, sexualidade, regionalidade e classe social. É exatamente para esses marcadores que aponta a pesquisa realizada pela *TIC Kids Online 2019*, na qual temos a informação de que 4,8 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, isto é, 17% dessa população, residem em moradias sem internet no Brasil.

Entre os 17%, os que não acessam a internet de forma alguma chegam a 11%, sendo que a exclusão é de 25% entre crianças e adolescentes que residem em ambientes rurais. O índice é maior também nas regiões Norte e Nordeste, onde temos 21% de crianças e adolescentes sem acesso; e, quando consideradas as moradias das classes D e E, o valor é de 20%. Além disso, entre aqueles que possuem internet, muitas vezes, o único acesso que se têm é a rede de 3G, limitando as atividades *online*.

CRESCER A VULNERABILIDADE

Essa demarcação de desigualdade regional e de classe social torna-se ainda mais importante no contexto da pandemia, pois a internet se tornou um espaço crucial para que relações sociais se estabeleçam, o que significa, inclusive, ter acesso pleno à educação. É preciso dizer, no entanto, que se, por um lado, encaramos o problema de falta de acesso à internet, por outro lado, estamos diante do aumento da vulnerabilidade de crianças e adolescentes que passam mais tempo conectados.

Nos domicílios onde há acesso à internet, a maior parte das atividades tem ocorrido *online*. Aulas, conversas, lives e até mesmo festas de aniversário. A internet se colocou,

então, como uma válvula de escape para quem estava ou está vivendo o isolamento social. Essa válvula, no entanto, não desfez um elemento que se tornou uma preocupação crescente entre pais e professores: o aumento da exposição das crianças e adolescentes às práticas violentas que acontecem por intermédio da internet.

Essa é uma preocupação bastante legítima. A vida social, em alguma medida, se transportou para a internet e, infelizmente, pensar em vida social é ter de considerar também conflitos e violências. Nesse sentido, aumentar o acesso à internet e às redes sociais reforçou uma prática de violência que já estava posta em debate há algum tempo, refiro-me ao *cyberbullying*.

Assim como o “bullying”, o “cyberbullying” é uma categoria guarda-chuva que busca incluir violência verbal, simbólica, tentativas de envergonhamento e silenciamento de crianças e adolescentes compreendidos, geralmente, por seus colegas de classe, como “fora dos padrões”. Se o *bullying* já indicava a necessidade de enfatizar, nas práticas educativas, o respeito às diferenças, o *cyberbullying* traz a mesma demanda de forma ainda mais urgente. Pois, na internet, a potência dessa ação violenta pode ganhar contornos ainda mais vívidos, alcançando lugares inimagináveis.

QUEM É ALVO?

É importante apontar que, de acordo com pesquisa feita pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em 30 países, divulgada em 2019, a cada três crianças e adolescentes um já foi vítima de *cyberbullying*. No Brasil, 37% das pessoas que participaram da pesquisa disseram já ter sido vítimas desta prática. Outra pesquisa de 2018, realizada pelo *Instituto de Pesquisa Ipsos*, revelou que o Brasil está em segundo lugar no ranking de países que têm casos de *cyberbullying* contra crianças e adolescentes.



Aqui, há novamente um ponto que necessita ser sublinhado. Assim como a internet tem significados diversos para essa população, quando pensamos no *cyberbullying*, é preciso ter em mente quem são os estudantes lidos como “fora dos padrões”. Em muitos casos, falamos de crianças e adolescentes que não se encaixam naquilo que é entendido como “normas sociais”, ou seja, trata-se de crianças e adolescentes negros, que performatizam o gênero de uma forma que destoa do que é entendido como “natural”, de classes sociais mais pobres, de pessoas com deficiência e, em alguns casos, de adolescentes LGBT+.

Nomear alguns dos grupos sociais que são alvos do *cyberbullying* é essencial para compreendermos que, por ser uma categoria guarda-chuva, muitos dos preconceitos sociais que são estruturantes da nossa sociedade se enquadram nesse tipo de comportamento. Nesse sentido, a compreensão de que as infâncias e as adolescências são múltiplas deve ser levada em consideração quando estamos diante das formas diversas como adolescentes e crianças se constituem enquanto sujeitos.

Além disso, como pudemos notar, o *bullying* e o *cyberbullying* são praticados contra grupos específicos e são perpetrados por sujeitos que conhecem e convivem com estes estudantes. Não falamos, portanto, de ataques que se originam no convívio com pessoas desconhecidas. Sendo assim, o *cyberbullying* só pode ser combatido com o envolvimento de familiares, professores e estudantes. Nesse processo, é preciso compreender que os estudantes não são apenas agentes passivos dessas situações, eles também podem produzir materiais e discursos que combatam a prática abusiva.

DIFERENÇAS EM PAUTA

Compreendo, assim, que a responsabilidade de encarar o problema do *bullying* e do *cyberbullying* passa necessariamente pelo trabalho de colocar as diversidades constitutivas dos sujeitos como parte central da educação. Não é suficiente, por exemplo, que falemos sobre desigualdades de gênero apenas no mês de maio ou de consciência negra em novembro. Do mesmo modo, precisamos abrir espaço para as crianças mais tímidas, para adolescentes que não acham que seus corpos se encaixam no padrão de magreza e para estudantes autistas a fim de que possam encontrar espaço para expressar suas experiências.

Estamos, portanto, diante de problemas que trazem à tona a necessidade de oferecer, seja materialmente, como no caso da internet, seja intelectualmente, como no caso de uma educação que se paute pela diferença, uma educação mais equânime. Isso significa, por um lado, o oferecimento de internet e educação digital para os estudantes que não as possuem. Por outro lado, significa que é preciso educar crianças, adolescentes, professores e até mesmo a família para que estejam preparados para lidar com situações violentas. Por fim, é importante perceber que ambas as situações — a falta de acesso à internet e o *cyberbullying* — não são novidades da pandemia. Na verdade, elas indicam fragilidades que, desde muito antes, se colocavam como estruturais na sociedade brasileira. ■

FERNANDA MARTINS SOUSA é doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestra em Antropologia Social e bacharela/licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença (Numas-USP) e do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (Unicamp); também é coordenadora da área de desigualdades e identidades do InternetLab – centro independente de pesquisa interdisciplinar que promove o debate acadêmico e a produção de conhecimento nas áreas de direito e tecnologia, sobretudo no campo da internet.

A RESPONSABILIDADE DE ENCARAR O PROBLEMA DO *BULLYING* E DO *CYBERBULLYING* PASSA NECESSARIAMENTE PELO TRABALHO DE COLOCAR AS DIVERSIDADES CONSTITUTIVAS DOS SUJEITOS COMO PARTE CENTRAL DA EDUCAÇÃO





Um chamado para a conversa

GUILHERME ALVES

Com o fechamento das escolas e o distanciamento social impostos pela pandemia da Covid-19, grande parte das crianças e adolescentes com acesso à conexão digital passou a ficar mais tempo em frente a telas de smartphones e computadores. É verdade que a internet mostrou-se uma aliada para que elas e eles mantivessem o contato com familiares e amigos, e mesmo criassem uma nova rotina de aprendizagem com atividades escolares remotas. Também é fato, no entanto, que educadores e famílias têm se preocupado ainda mais quando o assunto é o *cyberbullying* — a violência online sistemática — entre esse segmento populacional.

O *cyberbullying* já é tópico central no debate sobre educação desde antes da pandemia. A Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), foi um importante passo no sentido de envolver toda a sociedade no combate a esse tipo de violência, principalmente adotando estratégias de educação e integrando as instituições que fazem parte do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente nos termos da Resolução 113, de 2006, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

No âmbito da lei, o *bullying* é “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo, que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”. O *cyberbullying* é a intimidação ocorrida na rede e que afeta a saúde emocional de crianças e adolescentes tanto quanto as violências ocorridas *offline* — afinal, cada vez mais essas duas dimensões da nossa realidade estão mais misturadas.

Entramos na pandemia com um cenário no qual quase metade das crianças e adolescentes brasileiras viram alguém ser discriminado na internet no último ano. Com dados coletados entre outubro de 2019 e março de 2020, a Pesquisa TIC Kids Online 2019, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)/ Comitê Gestor da Internet no Brasil (2019), aponta que as mais frequentes formas de discriminação testemunhadas são “por cor ou raça” (26%), “aparência física” (21%), “por gostar de pessoas do mesmo sexo” (15%) e “pela religião” ou “por ser

pobre” (ambos em 11%). Não é surpresa ver que essas violências refletem questões estruturais sérias de nossa sociedade, como o racismo, a LGBTfobia e mesmo a desigualdade de gênero — já que são as meninas as mais afetadas.

DENÚNCIAS ONLINE

O Relatório de Status Global sobre Prevenção da Violência contra Crianças 2020, lançado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em junho passado, lembra que os padrões de denúncia de abuso infantil, incluindo o *cyberbullying*, têm variado entre países durante a pandemia. Enquanto alguns, como China, França, Índia e África do Sul tiveram aumentos substanciais nos atendimentos de canais de ajuda, Filipinas e EUA tiveram baixas — que podem, na realidade, ser causadas pela dificuldade de acesso a redes de apoio tradicionais, como as próprias escolas. O relatório também enfatiza que os efeitos a longo prazo das medidas de contenção da pandemia ainda deverão ser estudados, e isso inclui os padrões de violência entre crianças e adolescentes.

No Brasil, entre 1º de março e 1º de dezembro de 2020, a Safernet Brasil atendeu 179 pedidos de ajuda de crianças e adolescentes que sofreram *cyberbullying*. O Canal de Ajuda é um serviço gratuito de acolhimento anônimo que oferece apoio a vítimas de violações de direitos humanos na internet e que, desde sua criação, em 2007, tem como principal público atendido pessoas abaixo de 18 anos.

O número de atendimentos por *cyberbullying* de 2020 é menor do que o registrado no mesmo período do ano passado (253), um impacto que pode ser explicado, entre outros motivos possíveis, pelo fechamento das escolas e suspensão das aulas, como também apontado pelo Unicef. Entretanto, vale destacar um aumento significativo nos indicadores gerais da Safernet Brasil sobre



denúncias de páginas na Web e perfis em redes sociais que cometem crimes cibernéticos.

A Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos (denuncie.org.br), que recebe e encaminha possíveis crimes virtuais às autoridades, registrou crescimento em quase todos os indicativos este ano, sendo pornografia infantil o tópico mais denunciado (73 mil notificações, 104,9% a mais do que em 2019), seguido de apologia e incitação a crimes contra a vida (9.579 notificações, aumento de 81,7%).

CANAIS DE AJUDA

Apesar do crescimento visto nesses últimos dados, não é possível afirmar, de antemão, que o ambiente virtual tornou-se mais violento, e sim que mais pessoas têm procurado os canais de ajuda. Sabemos que o compartilhamento não autorizado de imagens íntimas e a apologia ao suicídio são algumas das facetas do *cyberbullying* entre adolescentes. Por isso, esses dados reforçam a importância de mantermos as redes de apoio psicológico e social atuantes e presentes, mesmo que remotamente, para este público.

Além disso, está explícito que precisamos fortalecer nas atividades escolares remotas discussões sobre comportamentos positivos e estratégias educativas de prevenção à violência. Principalmente como forma de proteger crianças e adolescentes em um contexto no qual eles e elas estão ainda mais conectados.

Grupos de mensagens, redes sociais, plataformas de jogos e mesmo salas de videoconferência tornaram-se os principais espaços de convivência entre crianças e adolescentes durante o distanciamento social. É necessário, claro, assegurar que adolescentes infratores e seus responsáveis sejam legalmente responsabilizados em casos de violências mais graves ocorridas nesses espaços, como o compartilhamento de imagens íntimas não autorizadas e ameaças.

CIDADÃO DIGITAL

Ao longo do segundo semestre de 2020, a Safernet Brasil aceitou o desafio de atuar diretamente nessa questão. O programa [Cidadão Digital](#), realizado no ano passado com apoio do Facebook, foi pensado para impactar positivamente adolescentes de 13 a 17 anos de

escolas públicas de todo o país com uma série de atividades remotas, incluindo a prevenção ao *cyberbullying*. Antes, tivemos um processo de formação e seleção de 15 jovens embaixadoras e embaixadores, de todas as regiões do país, que então passaram a atuar com escolas e ONGs para apoiar educadores e estudantes que, no contexto da pandemia, viram-se sobrecarregados, com dúvidas e mesmo desestimulados.

De agosto até o final de 2020, foram mais de 922 horas de atividades, que impactaram mais de 97 mil estudantes e 61

mil educadores de 19 estados.

Com a mentoria da Safernet Brasil, as embaixadoras e os embaixadores tiveram liberdade para propor dinâmicas, conteúdos e roteiros que coloquem adolescentes no centro do debate. O diálogo entre pares, defendido como metodologia, tem evidenciado seu valor entre os mais de 10 mil *feedbacks*. São histórias de adolescentes que vivenciaram violências e que se sentem seguras e seguros para compartilhar histórias relacionadas ao *bullying* e o *cyberbullying*, inclusive ocorridos nestes meses de pandemia.

E, ao envolver educadores nesse processo, também os convidamos para exercitar a escuta ativa e receber apoio em um contexto de incertezas sobre como

agir ao presenciar violências nas atividades remotas.

Respeitar as experiências e as opiniões de adolescentes tem sido uma das lições mais valiosas do Cidadão Digital, inclusive para que possamos, verdadeiramente, orientá-las e orientá-los a buscar ajuda e quebrar o ciclo de silêncio de agressores, vítimas e espectadores ao redor do *cyberbullying*. Ainda veremos dados específicos sobre a violência sistemática *online* durante a pandemia, inclusive porque o retorno integral das aulas presenciais no Brasil é uma incógnita. Entendemos que o caminho da educação, envolvendo escolas, famílias, autoridades e as próprias crianças e adolescentes ainda é a melhor prevenção. ■

GUILHERME ALVES é jornalista, mestre em Tecnologia e Sociedade e coordenador de Engajamento de Jovens na Safernet Brasil. O artigo contou com a colaboração de Amanda Costa, estudante de Relações Internacionais e embaixadora do programa Cidadão Digital em São Paulo.

Todos pela CIDADE

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE
CONHECIMENTO, MOBILIZAÇÃO
SOCIAL E INICIATIVAS DO
PODER PÚBLICO FORMAM
O TRIPÉ DE UM ESPAÇO
URBANO SUSTENTÁVEL

Arquivo Pessoal

JORGE ABRAHÃO
esteve presente na reunião
virtual do Conselho Editorial
da *Revista E* no dia 10 de
dezembro de 2020

Dados e indicadores apontados por mapas e pesquisas são ferramentas para enxergar de perto uma cidade, como uma lupa. Indispensáveis para que a sociedade e a gestão pública analisem questões como emprego, educação, lazer, mobilidade urbana, recursos naturais e tantos outros aspectos que demandam atenção no espaço urbano. Afinal, 85% da população brasileira mora em cidades, e este número só tende a crescer. Segundo o [Programa Cidades Sustentáveis](#) (PCS), que atua desde 2012 na mobilização para implementação de políticas públicas, “indicadores ajudam os tomadores de decisão a avaliar adequadamente a realidade, a interpretar os desejos e necessidades da população e a implementar ações que atendam às prioridades estabelecidas”. Neste Encontro, o engenheiro Jorge Abrahão, presidente do Instituto Cidades Sustentáveis, que engloba o PCS e a Rede Nossa São Paulo, fala sobre a importância da produção e disponibilização desse conhecimento sobre a cidade, destaca problemas desvelados na pandemia e aponta o desafio de ações conjuntas entre sociedade e poder público.

CHAVE DA MUDANÇA

Eu me formei em engenharia e trabalhei em empresa privada por um bom tempo, mas nunca deixei de participar de ambientes que discutiam os destinos da sociedade. Foi aí que passei a me relacionar mais com algumas instituições. Comecei no Plano Nacional das Bases Empresariais, que discutia o papel dos empresários nesse processo, depois fui convidado a ser um dos fundadores do [Instituto Ethos](#), em 1998. O Ethos traz esse olhar de responsabilidade social para além do resultado econômico das empresas. E, quando fui convidado a presidir o Ethos, tive que deixar o outro campo profissional. Uma decisão que mudou minha vida. Foram três mandatos como presidente e ali me aproximei das agendas globais, dos desafios que estavam sendo construídos pela Rio +20, em que o Ethos teve uma participação grande, até chegar na [Agenda 2030](#) [conjunto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável definidos em setembro de 2015 por líderes mundiais na sede da ONU, para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que as pessoas alcancem a paz e a prosperidade]. Acho importante marcar essa chave da mudança porque, às vezes, nessas bifurcações da vida, vale a pena você tomar alguns rumos e correr alguns riscos.

DESAFIO, CIDADE

A pandemia trouxe luz para questões estruturantes da nossa sociedade e que devemos enfrentar. Nesse sentido, onde a pandemia está deixando marcas mais profundas é no ambiente das cidades, onde vamos ter que construir uma

superação. Sem demérito a outros espaços, mas 85% da população brasileira vive nas cidades. No mundo o percentual é de 55%, mas será de 70% em 2050. A América Latina, de maneira geral, é muito urbanizada. Então, os problemas acontecem aqui onde uma maior quantidade de gente mora. No Cidades Sustentáveis trabalhamos com uma questão: como a gente faz para que as cidades sejam sustentáveis? O sustentável é, para nós, uma cidade mais democrática e nesse sentido ela tem que ser participativa, transparente, inclusiva economicamente, justa socialmente, menos desigual e sustentável em relação ao meio ambiente. Então, para uma cidade sustentável, precisamos integrar as dimensões política, econômica, social, ambiental e cultural.

FRENTES DE AÇÃO

Trabalhamos com a produção de conhecimento e indicadores que permitam diagnósticos de uma cidade. Realizamos pesquisas e mapas de desigualdades. Na dinâmica da apresentação da pesquisa, convidamos o poder executivo e a sociedade civil para discussões e, a partir desses dados, são elaboradas propostas para enfrentar esses temas. Todo trabalho que a gente faz está disponível gratuitamente em nossos meios virtuais. Então, a partir dessa produção de conhecimento, a gente mobiliza a gestão pública e a estimula a assumir compromissos com agendas criadas pela sociedade. Quando foi criada a Rede Nossa São Paulo, em 2007, a gente conseguiu fazer um *advocacy* [processo de reivindicação de direitos que tem por objetivo influir na formulação e implementação de políticas públicas que atendam às necessidades da população] pela lei do Plano de Metas. Prefeitos e prefeitas de São Paulo devem apresentar um Plano de Metas, que seria a

tradução do que foi prometido na campanha. Assim, a sociedade consegue acompanhar essas metas, e nós fazemos balanços anuais com encontros da sociedade e do executivo para avaliar, criticar e fazer propostas assertivas para que a gente consiga avançar com as agendas comuns. A lei do Plano de Metas virou política pública em 62 cidades do Brasil e estamos trabalhando para ampliar esse alcance. Estamos hoje com prefeitos que aderiram à plataforma do Programa Cidades Sustentáveis: são 214 cidades no Brasil que somam 52 milhões de pessoas.

QUEM FICA

O que está acontecendo na pandemia é o que tende a acontecer com a mudança climática. As pessoas que têm recursos vão conseguir, de alguma maneira, se adaptar ao “problema da vez”. E o problema agora é a pandemia, por uma irresponsabilidade do modelo que se construiu. Eu tenho o privilégio de viver numa casa e trabalhar remotamente na pandemia, mas saíram pesquisas mostrando que 9% das pessoas conseguiram fazer *home office*. A maioria das pessoas ficam vulneráveis. Vivemos num país em que 75% das pessoas precisam da saúde pública, 85% das pessoas precisam da educação pública. Fizemos um mapa da desigualdade em São Paulo e um dado mostra a idade média de morte no distrito mais rico e no mais vulnerável. No Jardim Paulista é 81 anos, e no Jardim Ângela, 58. Isso dá uma medida da importância de pensarmos em escala no país, e as soluções devem vir para essas questões.

CONSUMO LOCAL

Na pandemia, as pessoas se aproximaram dos locais onde elas moram e se apropriaram da vizinhança, do comércio. Há cidades em que é proibido criar grandes unidades de comércio em

determinadas regiões para não inibir o pequeno comerciante, oportunidades de trabalho e de renda para a população local. Então, é muito interessante que isso tenha acontecido, as pesquisas mostram isso. Cito um exemplo importante que começa a ser

discutido nas cidades brasileiras: a possibilidade de criar um raio próximo da habitação das pessoas e de uma infraestrutura. A prefeita de Paris, Anne Hidalgo, apresentou a proposta de “Paris a 15 minutos” [[leia matéria É logo ali, na Revista E - 287, setembro de 2020](#)]. Esse é um desafio das cidades. São Paulo pode não ser uma cidade a 15 minutos, mas quem sabe possa ser uma a 25 minutos? E como você estimula essa infraestrutura local? Acho que muitas cidades brasileiras podem trabalhar nessa direção.

SOMA DE FORÇAS

Temos que ter todos os segmentos contribuindo: governo, sociedade civil, empresas. Eu acredito que será a união desses esforços, cada um dentro de suas possibilidades, que fará avançarmos. Agora, o engajamento da população não é fácil de obter porque as pessoas estão envolvidas na própria sobrevivência. E só com a participação das pessoas conseguiremos. Lançamos o [Guia de Participação Cidadã](#), um estímulo para as pessoas. Acho que a participação está um pouco em cada um de nós mesmo, no desejo de participar, de disponibilizar tempo para isso, mas também está

nos poderes Legislativo e Executivo para que possam criar espaços de participação. ■

O SUSTENTÁVEL
É, PARA NÓS,
UMA CIDADE MAIS
DEMOCRÁTICA E
NESSE SENTIDO
ELA TEM QUE SER
PARTICIPATIVA,
TRANSPARENTE,
INCLUSIVA
ECONOMICAMENTE,
JUSTA SOCIALMENTE,
MENOS DESIGUAL
E SUSTENTÁVEL
EM RELAÇÃO AO
MEIO AMBIENTE



Sesc^{tv}

Família Diniz

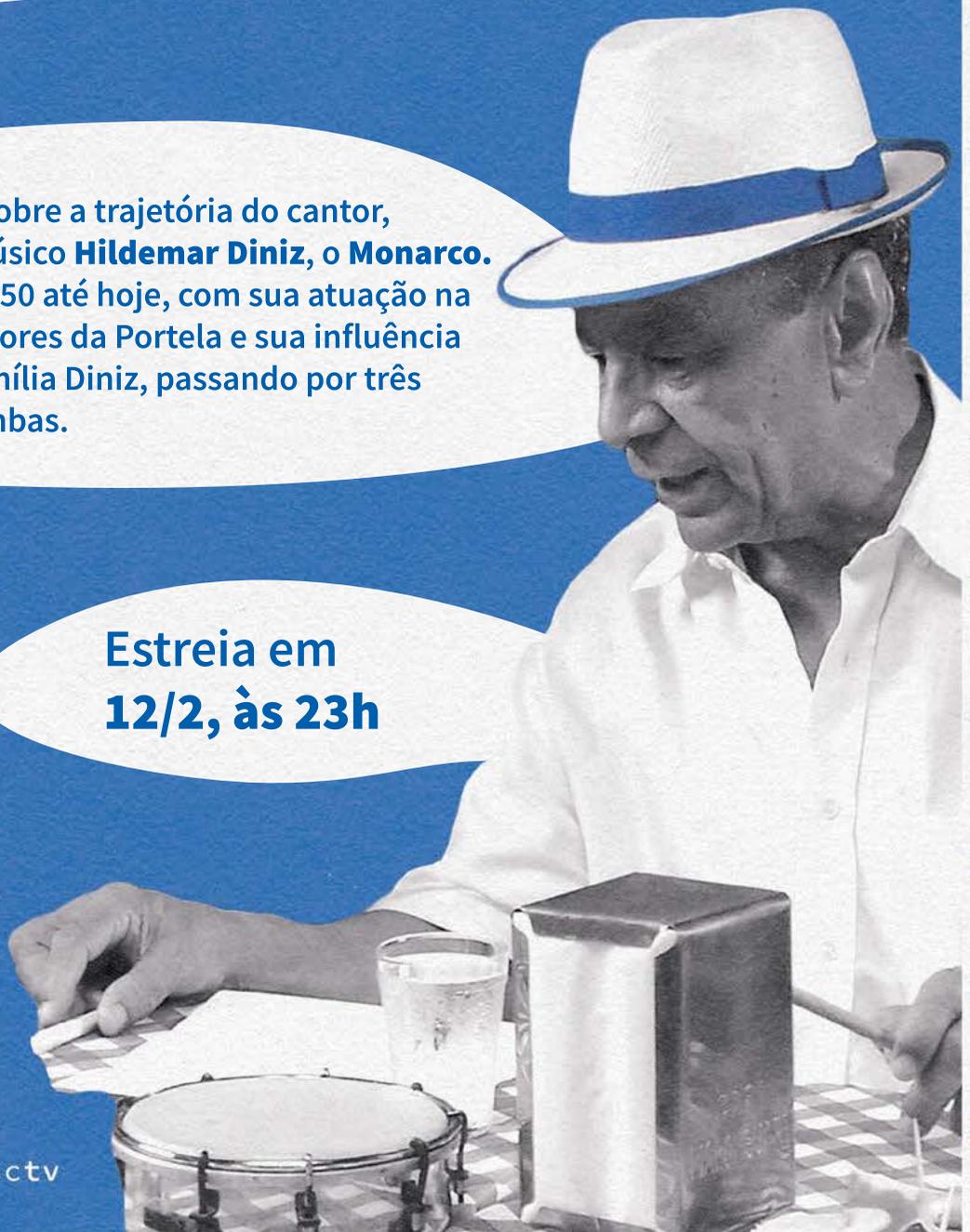
Direção de **Belisário Franca**
e **Tatiana Ostover**

Documentário sobre a trajetória do cantor,
compositor e músico **Hildemar Diniz, o Monarco**.
Da década de 1950 até hoje, com sua atuação na
Ala de Compositores da Portela e sua influência
no samba da família Diniz, passando por três
gerações de bambas.

Estreia em
12/2, às 23h

Assista sob demanda
em sesc.tv.org.br ou
consulte sua operadora

 /sesc^{tv}



Andar com fé

MÚSICO BAIANO ACREDITA NO PODER DA ECONOMIA CRIATIVA APOIADA NAS NOVAS TECNOLOGIAS PARA SUPERAR ADVERSIDADES ACENTUADAS PELA PANDEMIA

Gilberto Gil: 78 anos de vida, uma discografia composta por mais de 70 álbuns, entre discos solos, coletâneas, trilhas sonoras e parcerias: gravações com Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gal Costa, Rita Lee, Milton Nascimento, Nando Reis e Ivete Sangalo. Ativo nas redes sociais durante toda a quarentena de 2020 até o presente momento, Gil aproveitou as ferramentas digitais para se juntar a vozes da nova geração, caso da cantora Iza, na live *As Canções de Gilberto Gil por Iza e Gil*. Entre outros destaques, o músico foi o convidado da estreia da série digital *Muito Prazer, Meu Primeiro Disco*, do Sesc Pinheiros. No programa, foi entrevistado pelo musicólogo Zuza Homem de Mello (1933-2020), e pelos jornalistas Lucas Nobile e Adriana Couto. O episódio está disponível no [YouTube](#). Na seara familiar, então, o alimento é a música. Com a neta Flor Gil, de 12 anos, fez brotar o EP *Gil e Flor – De Avô pra Neta*. Em meio a essa intensa agenda virtual, Gil participou de uma live do Sesc Ideias que apresentou os resultados da pesquisa [Impacto da Covid-19 na Economia Criativa](#), realizada pelo Observatório da Economia Criativa da Bahia (Obec-BA). Além do compositor, participaram Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo, Paulo Miguez, docente e vice-reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e Daniele Canedo, coordenadora da pesquisa no Obec-BA. Na ocasião, Gil, que foi ministro da Cultura entre os anos de 2003 e 2008, comentou os resultados e apontou novos caminhos desenhados a partir da tecnologia.

VALORIZAR O NOSSO

A [pesquisa](#) fala por si, na medida em que acumula, organiza e distribui uma série de dados importantíssimos sobre os setores criativos da vida cultural brasileira. Traz um panorama sobre o papel das artes, dos conhecimentos tradicionais e das formas identitárias na formação da cultura brasileira.

O pressuposto básico responsável por essa pesquisa vem à tona, que é o conceito da economia criativa, portanto, a necessidade de compreensão de uma aderência fundamental entre a produção do conhecimento, do mundo da subjetividade, com a condição material da formação de riqueza do país.

DEMANDA DE TECNOLOGIA

No momento da pandemia, em que os contextos culturais tiveram que se redesenhar, ficou evidente a importância que as novas tecnologias ganharam nesse processo. O fato importante que a pesquisa aponta claramente é para a demanda das pequenas organizações, dos pequenos coletivos de criação, a demanda por desenvolvimento tecnológico, por acesso aos meios digitais. A consciência dos indivíduos e das organizações da necessidade dessa atualização tecnológica e demandas cada vez mais sérias crescem nesse sentido.

DESIGUALDADE E IDENTIDADE

A pesquisa também tem o papel de evidenciar a condição dramática que as desigualdades, as assimetrias sociais e econômicas estabelecem para o povo brasileiro, colocando como um dos elementos de formação o fato de que todas essas mazelas e dificuldades profundas enfatizadas pela pandemia são historicamente grandes problemas da sociedade brasileira.

Um dado importante revelado é o aprimoramento organizacional ligado às estruturas, à busca pelo conhecimento, o elencamento dos vários setores envolvidos na produção da vida cultural, os clássicos já considerados e, mais recentemente, a necessidade de incorporação dos elementos tradicionais. A importância recém-surgida, no Brasil e no mundo, dos contextos identitários. Assim, a pesquisa é bem-vinda em vários aspectos.

A maneira rápida como foi feita me levou até a relacionar essa agilidade ao desenvolvimento da vacina contra a Covid-19, que associou correntes variadas e esforços múltiplos no mundo. Este é um dos aspectos de novos estímulos que a pandemia provocou. ■



NO MOMENTO DA
PANDEMIA, EM QUE
OS CONTEXTOS
CULTURAIS TIVERAM
QUE SE REDESENHAR,
FICOU EVIDENTE A
IMPORTÂNCIA QUE AS
NOVAS TECNOLOGIAS
GANHARAM NESSE
PROCESSO

Na evidência das horas

Eu dominava as panelas na cozinha, ele a pá na construção. Todas as manhãs nos víamos no rumo do trabalho. Ao entrar no ônibus, percorríamos o caminho já sabido pra se achar, nos cuidávamos e, ao fim do trajeto, regalávamos bom dia. Era homem cativo do bem viver e das conversas de cadeira e banda ao fim da tarde. Eu, depois de outras, mulher, feita de falar com o silêncio e olhos de além-mar. De encontro em encontro, ficava mais em mim o sorriso sem jeito que desanuviava um dia inteiro, às vezes dois. À presença em coração, nesse trânsito de cidade grande, nasceu o amor de dois sozinhos credores das coisas pequenas.

No entanto, mesmo dividindo teto, o cansaço, os sonhos adiados, o ralo da cidade nos mantinha em falta um com o outro. O dinheiro sempre pouco minguava, mas era da escassez do tempo de que padecíamos.

A vida teria outra chance longe da cidade. Alegria demorada feito abraço apertado a suceder dúvidas, cabelo de criança a ganhar viço, família. Isso me dizia agora o sorriso e as palavras dele, rejubilando-se no eco da notícia. O sangue que não desceu atestava que o retorno para o campo fora decisão acertada.

Assenti receosa de saber se poderíamos aguentar todo porvir. Fiava-me nisto: gente é mais forte junto dos seus. Também achava bonita a alegria de homem que não tinha medo de ser pai. Mas presenciava tudo aquilo à distância: tivera os sonhos vivos de tempos difíceis, a certeza de que não seria vez de festa.

Matutando, saí pelos fundos da casa, atendi o chamado do vento na copa das árvores até o pequeno rio. Fiquei lá sozinha ouvindo os conselhos dos pássaros, a voz do outro mundo. Dei tudo de mim, pedi, rezei feito filha há muito longe de casa. Soltei os cabelos e me reencontrei no abraço corredeiro das águas.

No retorno, a família dele já participava da novidade. Haviam trazido até o radinho de pilha e o cachorro. Carvoavam fogo entre duas carreiras de tijolos. Toalha emprestada, mesa grande na sombra do umbuzeiro. Até parecia São João aquela alegria pelo prosseguimento familiar. A alegria é sempre bonita, mas em tudo e todos ali nada havia de razão. Nas águas deixei toda a dor e, em remuneração, trouxe uma pedra. Pedra pesada, que carregava com as duas mãos, o destino da certeza de todos à volta.

Não vingou, meses depois ouvi a pegadeira de meninos da comunidade dizer.

Naquelas palavras se perdiam em espanto e revolta os primeiros rascunhos que ele fizera de uma vida serena no campo. Segurei-lhe a mão tentando manter firme o eixo das coisas.

Eu já tinha engolido há muito o nome no pensamento. Lembrava, desde as histórias de avó e medos de mãe, dos que vinham sem vontade de chegar. Também dos que chegavam sem vontade de ficar.

Com dificuldade, quando ouvi a parteira garrar bicicleta portão afora, pus-me de pé. Retirei dos panos sujos o pequeno de choro selado, ninei nas águas, acolhi em pano limpo e branco e o levei com vagar até o fundo do pátio.

Há um tanto de felicidade em vê-lo, mesmo que não tenha posto os olhos em nós. Se voltar, será bem-vindo novamente em meus braços. Decidindo ficar, mais do que lágrimas, tenho certeza, será amado aos olhos do pai. E dará frutos, pois o céu há de te cobrir de alegrias e a terra há de alimentar as raízes pelo caminho. Assim pensava em conversa, promessa, a



Pixabay

dedilhar a testa lisa, as bochechas, o rosto tão familiar.

Haveria eu de ser mãe, a melhor mãe que o futuro poderia ter. Haveria o homem ao meu lado de nada deixar faltar, nem o amor de pai.

Em silêncio, corpo tomado, abriu cama funda no chão. Acompanhava tudo aquilo querendo entender, mas não conseguia. Despertou quando o chamei mais perto à despedida. Em meio a um canto de quem faz o que deve ser feito, devolvemos o corpo silencioso para a terra. E, sem magoá-la com o sal das nossas lágrimas, o cobrimos com as mãos, feito mãe e pai a acobertar filho em noite fria. Tudo tem sua forma de fazer sentido, cerzir o ontem, o hoje e o amanhã, disse enquanto ele ajeitava a pedra do riacho marcando lugar.

Então, no escuro da noite, limpei nossas lágrimas e entre braços e palavras de ninar menino grande, reconciliamo-nos com o presente.

Depois vieram novos sonhos, e a segunda semente também não vingou. Mesmo à pena do corpo, entendi: se o futuro não chorava, também não o faria. Era a partir de dentro que se podia compreender. Os pequenos silenciosos também eram lembrança de lá, sabença de que o caminho seguia aberto e que cabia mais aguardar com paciência do que interromper.

Da mesma forma que ao primeiro, ao segundo o ritual fora respeitado e, agora, duas pedras de riacho compunham o fundo do pátio.

No prolongado da espera, braços cada vez mais quietos, em lassidão, vi tantas vezes meu homem entrar feito vento de meio-dia em casa. A morte adquirira cheiro de cansaço. Sensação anuviada

que pairava também por todos da família, que já não nos frequentavam. E, no roçado, no portão de casa, no balcão da venda, olhavam-no como se não tivesse força pra pôr juízo na própria mulher. E, da maneira que sabia, tentava. Vamos procurar um médico na capital? Não há médico que consiga mudar o jeito das coisas se fizerem de lá pra cá, homem. Não diga isso, mulher, até parece agouro. E, quanto mais ouvia, mais seus olhos refletiam: deixa. Mas nas noites confessava que crescia nele o medo de que, pra terra do quintal, não só o pequeno corpo fosse levado na próxima vinda. Era amor. Encontro de água e terra. Mas precisava ele agora entender que aqui as coisas são desse jeito, o medo de perder sempre à espreita.

E, enquanto não houvesse o choro vigoroso a inaugurar pulmões, o ciclo não estaria pronto. Assim aprendi a engendrar a vida. E só está ao alcance do tempo mudar quem pensa diferente. Ele nascera antes e segue o seu diligente curso, mesmo que nós dois não existíssemos. Mesmo que ninguém mais viesse com vontade de chegar ou ficar.

Não havia motivo para refrear, menos ainda para baixar a cabeça.

Na evidência das horas novas, sempre as interrogações: haveria choro? Está pronto o tempo do futuro?

Então fecho os olhos, desejosa de sonhar com choro de gente feliz. ■

TÔNIO CAETANO nasceu em Porto Alegre (RS), é escritor, especialista em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), autor de *Terra nos Cabelos* (Editora Record), que ganhou o Prêmio Sesc de Literatura 2020 na categoria Contos, e do livro *Sobre o Fundo Azul da Infância* (Editora Popular Venas Abiertas).

lançamento [...]



METADE É VERDADE **Ruth Escobar**

Alvaro Machado

A trajetória de Ruth Escobar (1935-2017), uma personalidade capaz de abrir portas até então cerradas para alguém em sua condição – “jovem demais”, “mulher”, “desquitada” –, fatos que a posicionavam à frente de uma época que malograva impor limites.



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CREDENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastas, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CREDENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguiinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adauto Perin, Adenor Domiense, Adriana Garcia, Aira Fuentes Tacca, Aline Ribenboim, Amanda Brogio, Andréa Nogueira, Augusto Guimarães, Bruna Marcato, Camila Curaça, Christi Lafalce, Claudia Garcia, Cleber Rocha, Corina de Assis, Cristiane Komesu, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Danilo Cava, Danny Abensur, David Sampaio, Diego de Paula Lemos, Diego Oliveira, Edmar Junior, Eloá Cipriano, Emerson Takamisawa, Erica Georgino, Estevão Denis, Fabiana de Freitas, Fernanda Porta Nova, Flavia Nocetti, Gabriela Amorim, Gean Seno Lopes, Gislene Lopes, Gustavo de Faria, Heloisa Ururahy, Henrique Vidal, Ivan da Hora, Jade Stella Martins, Janaina de Moitinho, José Junior, Juliana Ramos, Karen dos Santos, Larissa Albuquerque, Lilian Ambar, Marcelo da Silva Junior, Maria Claudia Curtolo, Maria Luiza Maia, Mariana Krauss, Marina Reis, Mauricio Del Nero, Mathus Amorim, Mídiá Silva, Mildred Gonzalez, Moacyr Turuzawa, Moara Iak, Natalia Caetano, Nilson Dias, Perola Braz, Rafael de Andrade, Rafael Peixoto, Rafael Santos, Rejane Pereira da Silva, Renato Perez de Castro, Rosana Abrunhosa, Sandro Casarini, Silchya Fernandes, Suellen Barbosa, Thais Ferreira Rodrigues, Vanessa Carvalho, Willian Yamamoto

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Diretor Responsável: Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz

• **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo

- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Adriana Scapatricio e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho
- **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Nilton Bergamini e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Frazay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br

Navegar pela LITERATURA

O cheiro do papel, sua textura e gramatura mexem com os sentidos do leitor e da leitora que estão prestes a abrir, nas palmas das mãos, um novo mundo descrito em romances, contos e poesias. Além de capa, lombada e folhas, outras formas de navegar pela literatura se fazem presentes no ambiente online. Entre livros, bibliotecas e acervos virtuais, prosas e versos desembarcam em vídeos, cursos, aplicativos, redes sociais, *podcasts* e outras plataformas de comunicação que nos conectam à fruição da arte da palavra.



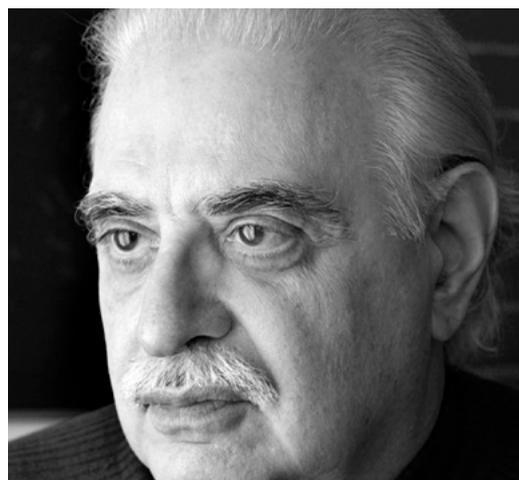
Divulgação

DA CAPA AO RODAPÉ

A série *Super Libris*, exibida pelo SescTV, aborda o universo da leitura e da literatura por meio de entrevistas com autores brasileiros e outros profissionais da área. Entre os temas: caminhos da feitura de um livro, técnicas e estilos literários, críticas, processo de criação de ilustradores, referências de autores novos e consagrados como Eva Furnari, Silviano Santiago e Ruy Castro (foto). Dirigida pelo escritor, roteirista e cineasta José Roberto Torero, a série de duas temporadas e 79 episódios (26 minutos cada) é para maratona. Assista pela plataforma *streaming on demand* do SescTV: sesc.tv.org.br/superlibris

SARAU VIRTUAL

Para celebrar a memória e a obra do poeta, tradutor e ensaísta Augusto de Campos, que fará 90 anos neste mês, a Casa das Rosas preparou uma programação virtual. Além de cursos e palestras, o sarau *Traduzir o Intraduzível* vai homenagear este que foi um dos criadores no Brasil da poesia concreta, movimento que ganhou dimensão internacional. Dele participarão poetas e tradutores – Eduardo Jorge, Juliana Di Fiori Pondian, Julio Mendonça, Paulo Ferraz, Reynaldo Damazio e Tarso de Melo – para ler e comentar poemas e traduções de Augusto de Campos. O sarau será realizado em uma plataforma de videoconferência no dia 6/2, das 19h às 21h. Confira: <https://www.casadasrosas.org.br/>



Fernando Luczko



Reprodução

PRIMEIROS PASSOS

Está na dúvida sobre como mergulhar nos mares da literatura? No *podcast Como Começar*, realizado pelo jornal digital Nexo, cada episódio trata de diversas expressões culturais como cinema, música e, claro, literatura. Aperte o play e ouça *Como Começar a Ler Poesia*, *Como Começar a Ler para Crianças*, *Como Começar a Ler Gabriel García Márquez*, entre outros autores, além de recomendações de livros feitas por escritores, jornalistas e críticos. Confira: <https://www.nexojournal.com.br/podcast/como-comecar/>

PARA ASSISTIR

Na mais popular plataforma de compartilhamento de vídeos, eventos importantes como a Festa Literária Internacional de Paraty tiraram o público das disputadas filas para assistir, no conforto do lar, aos debates entre escritores brasileiros e estrangeiros. Entre os convidados da 18ª edição da Flip, estavam Bernardine Evaristo, premiada escritora anglo-nigeriana, o nigeriano Chigozie Obioma, um dos principais nomes da literatura africana contemporânea, o baiano Itamar Vieira Junior, vencedor do prêmio Jabuti 2020 de romance literário, entre outros autores e autoras. Os vídeos estão disponíveis no canal do YouTube da Flip. Saiba mais: <https://www.flip.org.br/agenda-2020/>



Reprodução

Novos TEMPOS

Tudo no mundo começou com um sim
Clarice Lispector [A hora da estrela]

O tempo, esse grande escultor¹. O tempo que gera a vida, mas que também a consome. O tempo necessário à construção da confiança. O tempo para habitar a nossa história, em vez de sermos apenas habitados por ela. O tempo para o deslocamento de um lugar conhecido para um lugar ainda por conhecer.

Quando o Sesc completou 50 anos, em setembro de 1996, eu estava há um ano e meio na instituição. Era o iníciozinho da história da internet. Poucos sabiam do que se tratava e qual seria o caminho a seguir. Um mundo novo estava se descortinando ali.

Depois de muitos anos trabalhando nas redações da TV Globo e Record e recém-saída da Editora Abril, disse adeus ao tempo devorador dessas redações e atravessei um portal: mergulhei no modo de pensar, sentir e agir do Sesc. No tempo do Sesc. Lendo a *Revista E* nº 1, lançada em julho de 1994, reconheci a efervescente inquietação que eu vivia nos shows e na área de convivência do Sesc Pompeia. E, ao participar das reuniões de pauta da revista, me encantei com o universo da cultura viva que pulsava ali.

Disse sim à diferença. Inquieta e fascinada com o processo de feitura da revista, recebi em 1995 a missão de trilhar o caminho para levar o Sesc para a internet. Junto com Cristina Tobias, colega da gerência de artes gráficas, imergi numa série de oficinas práticas e teóricas sobre internet. Aos poucos fomos nos aproximando de uma novíssima concepção de conteúdo próprio do ambiente www. Em setembro de 1996, foi publicado o primeiro site do Sesc São Paulo, hospedado na Fapesp. Era o tempo da internet discada e lenta e, um pouco por minha paciência e outro tanto pela paixão que aquela nova linguagem despertava em mim, disse sim ao desafio.

Desbravar caminhos desconhecidos exige tempo, confiança e gosto. Entusiasmada, convidava chefe e colegas para



ver os sites que surgiam. A reação era quase sempre a mesma: “agora não dá, estou trabalhando”. Apelei para minha mãe. Afinal, imaginava eu, havia chegado o tempo de encantá-la com o meu trabalho: “Ai, minha filha, não consigo controlar esse negócio (o mouse) e não aparece nada!”

Quando fui ao primeiro congresso da revista internet World Brasil, conheci – no powerpoint – as promessas milionárias do e-commerce. Certamente não era por ali que o Sesc encontraria seu caminho. Seguimos e outras possibilidades se formaram e o desafio ficou imenso: desenvolver *softwares* interativos que levassem para a Rede o conteúdo das programações das unidades, com o fiel propósito de ampliar o público do Sesc para a dimensão sem fronteiras. Partimos para parcerias com artistas e pesquisadores da internet e, em 1999, encontramos as soluções para realizar o que almejávamos: a “unidade virtual” do Sesc São Paulo. Exposições temáticas foram adaptadas para internet, propiciando a experiência “sesquiiana” no ambiente digital. Criamos os sites “Mitos que vêm da mata”, “Procure sua turma”, “Por quê, Pra quê?”, “Paisagem 0”, “Brincadeira de Papel” e “Edgar Morin”, entre outros tantos totalmente interativos.

Os desafios, como o tempo, não param. Pouco a pouco construímos o site como ele é hoje, incluindo a compra *online* de ingressos, inscrições em cursos, agendamento de consultas odontológicas e de visitas em exposições. E então veio a pandemia que, com sua proporção avassaladora e o necessário isolamento social, firmou a era digital. Mas ela nos encontrou fortes, firmes no propósito de reunir e democratizar o acesso aos bens culturais. Realizada, posso enfim encarar os novos tempos que me chamam e dizer sim a desafios ainda maiores. Parodiando Clarice, tudo pode começar com um fim. ■

MALU MAIA é jornalista e psicanalista, editora de conteúdo digital do Sesc.

1 Título do livro de Marguerite Yourcenar

sesc Verão

2021

CUIDAR FAZ BEM

16/JAN
- 14/FEV

Verbo indica ação, mesmo quando é pausa para cuidar.

Cuidar de si, do outro, das relações e do ambiente em que se vive.

Para manter a saúde em equilíbrio, experimente reinventar seu cotidiano a partir do autocuidado, das atitudes e hábitos alimentares saudáveis, da prática de atividades físicas, culturais e de lazer.

O cuidado com o outro começa pelo cuidado com você.

Sesc Verão 2021. Cuidar faz bem!

Acompanhe nossas atividades em sescsp.org.br

compartilhe nas redes: [#sescverao](https://twitter.com/sescverao) [#cuidarfazbem](https://twitter.com/cuidarfazbem)

📷 [instagram.com/esportesescsp](https://www.instagram.com/esportesescsp) ▶ [youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)
+ perfis e canais de todas as unidades

Confira a programação:
sescsp.org.br/sescverao



